



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**COLEGIADO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**JÚLIO CÉSAR MARINHO SANTOS**

**O CONCRETO EM DEBATE: SERVIÇO SOCIAL, MARXISMO E  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Salvador  
2019

**JÚLIO CÉSAR MARINHO SANTOS**

**O CONCRETO EM DEBATE: SERVIÇO SOCIAL, MARXISMO E  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Ensino de Graduação em Serviço Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Dra. Marina da Cruz Silva

Salvador  
2019

*Dedico este trabalho a minha grande inspiração, vó Laura.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a uma pessoa que durante esses 4 anos de graduação foi meu alicerce, ela ofereceu abrigo, carinho, amor e que lutou por mim e comigo para a finalização da minha graduação, tia Eliana.

Em segundo lugar, agradeço também a minha mãe Nilda, meu pai Jucelino e minha irmã Carol, que são meu núcleo familiar, e por isso, responsáveis primeiros pela minha formação humana, formação esta construída com muito amor, carinho, esforço e responsabilidade.

Além destes, agradeço pelo amor, companheirismo e por me inspirarem cotidianamente, a meus tios, tias, primos e primas, especialmente, Sinéas, Romana, Eron, Alda, Eraldo, Dilma, Linda, Joelma, Jailma, Neto, Alisson, Maurício e Felipe.

Agradeço à Lua, por fazer meu dia mais feliz.

Agradeço aos meus amigos do interior, que entenderam minha partida, e mesmo longe, mantiveram o carinho, amizade e a torcida por mim.

Aos amigos e amigas que construí na UFBA, em especial, a turma de Serviço Social 2015.1, por me acolherem tão bem nesse processo de formação e ter compartilhado comigo felicidades, sonhos, amizades, tristezas e tensionamentos, mas, sobretudo, aprendizados.

À turma da ENESSO, tanto em âmbito nacional, quanto em âmbito local, sobretudo, as meninas do CASS Mãe Preta, especialmente, Ana Patrícia, Elideise, Maiara, Thamara, Larissa, Isabel, Nájila, Jéssica, Sara, Juliana, Itamires, Andreza e Rafaela, que compartilharam comigo o sonho por uma sociedade justa e emancipada.

A minha supervisora de estágio, Carla Alves, por todos ensinamentos.

A todo corpo docente do Curso de Serviço Social da UFBA pelo aprendizado proporcionado.

Agradeço a minha orientadora, Marina Cruz, que com seu conhecimento e experiência, contribuiu sobremaneira para a realização desta pesquisa.

Por fim, agradeço às professoras Jakeline Bonifácio e Magali Almeida por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho.

SANTOS, Júlio César Marinho. O concreto em debate: Serviço Social, marxismo e estágio supervisionado. 2019. Orientadora: Marina da Cruz Silva. 61 f. il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

## RESUMO

O método dialético ocupa medularmente a teoria social elaborada por Karl Marx. A leitura da realidade, a partir de tal método, recusa uma análise abstrata, psicologizante, fetichizada e fragmentária da vida. Na verdade, o diferencial desse ponto de vista é uma análise dialética do concreto, ou seja, como uma totalidade em processo, partindo da materialidade da história e identificando as suas múltiplas relações, mediações e contradições. Este fundamento teórico-metodológico se expressa, sobretudo, como crítico das relações sociais burguesas, como revolucionário. A aproximação do Serviço Social com a tradição marxista propiciou o seu amadurecimento teórico-científico e prático-profissional, numa estrita superação dialética do tradicionalismo profissional. O interesse em discutir a temática parte do entendimento que uma fundamentação crítico-dialética pode propiciar uma intervenção crítica, investigativa e transformadora. Contudo, o modo de pensar dominante se apresenta sob uma moldura (neo) conservadora, ante ao atual contexto sociocultural, sob a hegemonia neoliberal. Nesse sentido, partindo de uma preocupação com os rumos da profissão, que se constitui num dos objetivos deste Trabalho de Conclusão de Curso, qual seja: investigar a compreensão do método dialético por parte do quadro discente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia, matriculados na disciplina de Estágio Supervisionado III no semestre 2019.1. Buscou-se analisar como entendem a relação de tal método com a instrumentalidade profissional. Para operacionalizar esta pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica que conferiu consistência teórica ao objeto pesquisado. Posteriormente, no trabalho de campo, utilizou-se como técnica de coleta de dados o grupo focal, que contou com a presença de seis estudantes que estavam em processo de execução do projeto de intervenção. Os resultados foram analisados à luz da discussão teórica travada. A conclusão que se tira é reafirmação da capacidade heurística do método em debate e a potencialidade crítica e transformadora de uma intervenção calcada no materialismo histórico-dialético.

Palavras-chave: marxismo, Serviço Social, estágio supervisionado.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>O SERVIÇO SOCIAL E SEU ELO COM O MÉTODO DIALÉTICO</b> .....	<b>16</b>
2.1	O MÉTODO E SUA INTRÍNSECA VINCULAÇÃO À TEORIA SOCIAL .....	16
2.2	NOTAS SOBRE A APROXIMAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL COM A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE MARX.....	29
2.2.1	<b>A perspectiva de intenção de ruptura: referências sobre a aproximação com o marxismo</b> .....	<b>34</b>
<b>3</b>	<b>REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DA APROPRIAÇÃO DO MÉTODO DIALÉTICO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO</b> .....	<b>42</b>
3.1	RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA.....	42
3.2	TOTALIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS .....	46
3.3	COMPROMISSO COM O ATENDIMENTO DAS NECESSIDADES DOS/AS USUÁRIOS/AS .....	49
3.4	CRÍTICA AO CONSERVADORISMO.....	51
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>57</b>
	<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	<b>60</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia parte da reflexão inicial sobre a importância da apropriação do *materialismo histórico-dialético* pelo Serviço Social, em especial, por parte de estudantes e assistentes sociais que desejam propor uma ação investigativa, crítica e transformadora. Nesta direção, foi percebido, a partir do meu ingresso na graduação em Serviço Social, e em particular, nas minhas experiências de militância<sup>1</sup> e estágio<sup>2</sup>, as possibilidades de materializar uma intervenção na realidade consoante com os preceitos do *projeto ético-político do Serviço Social*<sup>3</sup>, mesmo numa instituição, onde predominam ações burocratizantes, rotineiras e aligeiradas.

Todavia, no decorrer da minha vida, este tipo de concepção crítica sobre a realidade não teve essa tônica até eu ingressar na universidade. Em outras palavras, durante minha trajetória sempre mantive uma preocupação com a desigualdade social e as questões políticas do país, porém, sempre analisava a realidade brasileira a partir de uma ótica que hoje entendo como individualista, psicologizante, culpabilizadora - na qual se concebe os indivíduos como totalmente responsáveis pela sua condição social - e, portanto, era uma forma conservadora de ler a realidade.

Após o meu ingresso na graduação em Serviço Social, fiquei encabulado com um novo “olhar” para a realidade que se colocava diante de mim, “olhar” esse

---

<sup>1</sup> Durante a graduação foram construídas atividades junto a *Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social - ENESSO*, sobretudo nas gestões *Florescendo a Luta* (2016/2017) e *Essa é a Era de Fazer Revolução* (2017/2018) do *Centro Acadêmico de Serviço Social Mãe Preta - CASS Mãe Preta*, além dos trabalhos desenvolvidos como Representação Discente do *Núcleo Docente Estruturante - NDE* do Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia - UFBA (2017/2018) e Representação Discente de Graduação, regional Nordeste, da *Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social - ABEPSS* durante a gestão *Quem é de Luta, Resiste!* (2017/2018).

<sup>2</sup> Na minha experiência de estágio curricular obrigatório, realizada num hospital público da cidade de Salvador - no setor de neurocirurgia, especificamente -, foi executado um projeto de intervenção que objetivou contribuir com o desenvolvimento do protagonismo dos/as usuários/as, desenvolvendo ações socioeducativas com o intuito de possibilitar a estes sujeitos uma efetiva participação no processo de tratamento, construindo com eles/elas estratégias para um exercício crítico da cidadania. Tal projeto obteve uma avaliação positiva por parte da instituição e, principalmente, dos/das usuários/as.

<sup>3</sup> O projeto ético-político emerge no trânsito dos anos 1970 e 1980, instigado pelas lutas democráticas e populares incorporadas pelas vanguardas da profissão, juntamente com a recusa do conservadorismo profissional. Posteriormente, com o aprofundamento das transformações do capitalismo, marcadas pela flexibilidade dos processos de produção e o advento do neoliberalismo, que afetam as condições materiais e culturais do ser social, esse projeto profissional se desenvolve e amadurece. O projeto, então, é composto pelo reconhecimento da liberdade como valor central, o compromisso com a plena expansão dos indivíduos sociais, e a definição de que esses valores só serão possíveis de serem materializados em um novo tipo de ordem social; defende a equidade e justiça social, a ampliação e consolidação da cidadania, e a radicalização da democracia. Profissionalmente, compromete-se com a competência, via (auto) formação permanente e constante postura investigativa (TEIXEIRA; BRAZ, 2009).

predominante nos documentos, textos e discursos das professoras e que dialeticamente fui internalizando. Antes, analisava, por exemplo, que um indivíduo que rouba uma determinada vestimenta, faz isto por culpa da sua índole, temperamento ou caráter, desistoricizando e fragmentando a análise desse fato. Hoje, enxergo que esse caso é parte de algo muito mais complexo, que vivemos em uma sociabilidade estruturada por desigualdades de diversas naturezas e que, portanto, aquele fato deve ser analisado - não negando a subjetividade dos indivíduos, mas para além disso - em relação com um todo maior, a partir das relações sociais.

Na graduação, com o passar do tempo e o conhecimento adquirido a partir das aulas, militância, experiências, diálogos e tensionamentos, fui constando a impossibilidade de uma sociedade justa e emancipada neste tipo de ordem social em que vivemos. Por isto, a necessidade da crítica, de construções coletivas e transformadoras para a constituição de um novo modelo de sociedade.

Por outro lado, constatei também que esse tipo de visão crítica de mundo no seio do Serviço Social não é obra do acaso, ou de um aporte teórico neutro e universal. Ao contrário, foi por intermédio da aproximação do Serviço Social com a vertente crítico-dialética, a partir dos anos 1970 e 1980, que se consubstanciou uma nova imagem da profissão, ratificada no projeto ético-político profissional, compromissada com os interesses das classes trabalhadoras, projeto esse hoje colocado em questão pelo avanço do (neo)conservadorismo<sup>4</sup>.

O projeto profissional do Serviço Social brasileiro - o qual vincula-se, sem dúvidas, a um projeto de transformação da atual sociabilidade burguesa - é constituído por elementos e componentes que o materializa no processo sócio-histórico, dentre os quais a matriz teórico-metodológica em que se ancora, cujas tendências são de raiz teórico-críticas (TEIXEIRA; BRAZ, 2009, p. 225).

Portanto, a utilização da teoria social marxiana consubstancia os preceitos éticos e políticos do Serviço Social, e mais do que isso, a aproximação do Serviço Social com a teoria marxiana implica no seu amadurecimento teórico-científico, uma vez que

---

<sup>4</sup> De acordo com Joaquina Barata Teixeira e Marcelo Braz (2009), o projeto ético-político do Serviço Social está em um momento crucial, uma vez que ao mesmo tempo que está em processo de consolidação, sofre ameaças pelas políticas neoliberais que se operacionalizam, repercutindo no ambiente profissional sob a forma de neoconservadorismo. A cultura sob esse momento sócio-histórico apresenta-se com um modo de pensar que identifica a impossibilidade de superação do modo de produção capitalista, com desdobramentos de natureza política, ideológica e teórica.

busca romper com o voluntarismo, fatalismo e cientificismo, buscando problematizar a inserção da profissão na ordem capitalista brasileira (PONTES, 2016).

Sendo assim, a aproximação do Serviço Social brasileiro com o marxismo e, como consequência, com seu método de investigação e análise da realidade, contribuiu sobremaneira para a sua maturação intelectual. Esse método, também conhecido como *método dialético*, compõe medularmente o escopo da teoria social marxiana<sup>5</sup>, não se estruturando de forma independente.

Segundo Sant'Ana e Silva (p.183-184), o método em Marx não coaduna com qualquer razão idealista que “gira em torno de si mesma e cria, funda ou domina totalmente a realidade e seu movimento”; bem como difere de todo “materialismo que se limitam a constatar o imediatamente sensível”; ainda, não se expressa como “uma média entre essas dimensões opostas”.

A análise da realidade, nessa perspectiva, deve estar calcada no próprio movimento da História, isto é, nos processos de produção e reprodução da vida humana, configurando-se, conforme Lukács, como uma *ontologia do ser social* (PONTES, 2016, grifos meus). Relaciona - se, pois, nuclearmente a partir de dois elementos fundantes: “a teoria do valor trabalho e a perspectiva da revolução como possibilidade histórica” (SANT'ANA; SILVA, 2013, p.184, grifos do autor). A leitura da realidade dá-se não a partir dos seus fatos aparentes, mas conectado a uma *totalidade histórica*, captada através das múltiplas mediações da realidade.

O motivo instigador para o desenvolvimento do presente trabalho foi exatamente esse: as possibilidades que se desenham para a consolidação de uma práxis profissional por intermédio desse “olhar” diferenciado para os fatos da vida, propiciados pelo materialismo histórico-dialético. A título de exemplo, e longe de se configurar análises simplificadoras orientadas pelo método ou analisá-lo como uma receita pronta para aplicar-se a qualquer realidade, poderia se dizer que numa dada intervenção profissional do/a assistente social, ao conceber a atual condição de vida de uma mulher negra, usuária do Programa Bolsa Família, quando calcada no materialismo histórico-dialético, essa análise da realidade não se fundamentaria num moralismo fincado no senso comum, que concebe imediatamente as necessidades

---

<sup>5</sup> Uma abordagem marxiana refere-se à literatura original do próprio Marx, sem se prender a tais interpretações. Diferentemente, um tratamento a partir de uma abordagem marxista, é quando diz respeito ao conjunto de elaborações teóricas formuladas pelas diversas correntes do marxismo, a partir da teoria social de Marx.

dessa usuária como “um problema individual”, a-histórico. Ao contrário, verifica-se a singularidade da vida dessa mulher a partir das relações sociais, através de múltiplas determinações, mediações que a particulariza na sociedade.

Pode-se levar em conta, nessa lógica, a formação sócio-histórica brasileira racista e sexista que a oprime de diferentes maneiras, os processos alienantes e desumanizadores da sociedade capitalista, dentre outros. Para além disso, observa-se a sua condição de maneira contraditória, como inseridas na teia das relações de opressão e exploração coletiva que a atual ordem social objetiva, mas que, apesar disso, o próprio sistema fornece possibilidades para a transformação de sua realidade. Nesse sentido, pode se desprender estratégias críticas com essa usuária para a efetivação de direitos fundamentais, para o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, de estímulo à organização popular e coletiva etc.

Ou seja, tratar do método da teoria social marxiana como fundamento para o Serviço Social - profissão essa notadamente marcada pelo seu caráter interventivo e investigativo - pode significar em trabalhos nos quais cada vez mais se buscam a emancipação humana, que problematizem junto com os/as usuários/as suas necessidades, não por intermédio de concepções culpabilizadoras, meritocráticas e individualistas, mas como necessidades estruturadas na/pela totalidade histórica, ou ainda, desenvolvendo-se ações socioeducativas nas quais sejam estimulados o pensamento crítico, questionador e transformador da ordem social estabelecida, sem recair, no entanto, em ações messiânicas.

Pode significar ainda a recusa e/ou rompimento dos projetos institucionais hegemônicos que estruturam os serviços sociais, fundamentados a partir de uma racionalidade formal-abstrata, e que aparecem para seus/suas usuários/as em sua aparência, apartadas dos interesses de classe, fragmentadas, como redistribuidora da riqueza social, integradora e promotora do bem-comum. Essa forma de ser e aparecer das políticas sociais requer profissionais especializados para a sua execução, planejamento e elaboração, dentre os quais o/a assistente social. Por isso, as políticas sociais dão contornos e prescrevem a atuação desse/a profissional, construindo uma instrumentalidade fundamentada na razão instrumental (GUERRA, 2010).

É sob essa linha de raciocínio que uma apropriação teórico-crítica possibilita o desvelamento dessa aparência fenomênica das políticas sociais. Mais do que isso, possibilita uma instrumentalidade como mediação, isto é, articuladora de várias

dimensões da realidade, sejam elas éticas, políticas, teóricas, técnicas etc., que concebe o cotidiano do exercício profissional como um campo de mediações e, por conseguinte, nega e supera uma forma de ser da profissão predominante e meramente instrumental (GUERRA, 2007, p.12).

Com base no método dialético de análise, então, oportunizam-se condições de construção de uma práxis profissional sobretudo ética. Isto é, um trabalho que, mediado por valores e projetos frutos de escolhas de valor, visa a satisfazer as necessidades, criando alternativas, e assim, ampliando as capacidades humanas. Por esse prisma, engendra-se uma vida social cada vez mais livre e emancipada (BARROCO; TERRA; CFESS, 2012). Isto se faz importante principalmente nesse contexto histórico-social que se impõem profundos limites e, ao mesmo tempo, desafios e possibilidades à materialização de um trabalho ao encontro do projeto ético-político profissional.

Desse modo, segundo Iamamoto (2009, p.28), o capitalismo apresenta-se em uma longa onda de crise - que data desde os anos 1970 -, numa fase mundializada e financeirizada, provocando novas configurações para o mundo do trabalho, como a sua desregulamentação e o aumento de desemprego, tendo a retração das lutas sociais como consequência. Nesse mesmo bojo, as políticas sociais são remodeladas a partir das diretrizes de focalização, descentralização e desfinanciamento. Há, ainda, ofensivas ideológicas por parte do capital na tentativa de aproximar-se do/a trabalhador/a no intuito de fazê-lo/a reproduzir/a dos seus interesses. Por outro lado, desdobram-se diversificadas experiências de resistência, materializadas por diferentes sujeitos políticos, como negros, quilombolas, mulheres e indígenas.

Ainda com base na autora, esta conjuntura social coloca novas requisições para os/as assistentes sociais, sedimentando nos espaços sócio-ocupacionais novas bases materiais e organizacionais para a sua intervenção profissional (IAMAMOTO, 2009).

Exatamente nesses espaços sócio-ocupacionais, conformados por essas dinâmicas estruturais e conjunturais, que se inscrevem as diversas intervenções profissionais, assim como a realização das experiências de estágio em Serviço Social.

Conforme Alzira Lewgoy (2013, p.79), o estágio oferece uma oportunidade ao/à acadêmico/a de ter contato com a relação entre vida profissional e a dinâmica social. Nesse sentido, verifica-se uma contradição: ao mesmo tempo em que se exige uma atitude que afirme a profissão para o mercado, enunciando a sua validade perante a

sociedade, exige-se uma postura ético-política de compromisso com o projeto profissional.

A ABEPSS - Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social que, em 2010, lançou a Política Nacional de Estágio, concebe como uma das premissas dessa parte da formação profissional

[...] oportunizar ao(a) estudante o estabelecimento de relações mediadas entre os conhecimentos teórico-metodológicos e o trabalho profissional, a capacitação técnico-operativa e o desenvolvimento de competências necessárias ao exercício da profissão, bem como o reconhecimento do compromisso da ação profissional com as classes trabalhadoras, neste contexto político-econômico-cultural sob hegemonia do capital (ABEPSS, 2010, p.14).

Portanto, o estágio é uma importante dimensão da formação profissional, na medida em que possibilita uma vigorosa relação teórico-prática, apreendendo essas duas dimensões como uma unidade. Em outras palavras, é no estágio que se permite vislumbrar as possibilidades de materialização do horizonte ético-político do Serviço Social no chão da intervenção.

Nessa perspectiva, Lewgoy (2013, p. 81) nos diz que

O rigor teórico-metodológico e o acompanhamento da dinâmica societária permitem atribuir um novo estatuto à dimensão interventiva e operativa da profissão. É a capacitação crítico-analítica que possibilita a definição de objetos de ação em suas particularidades socioinstitucionais, para a elaboração de estratégias de intervenção comprometidas com propósito ético-político do projeto profissional, ou seja, de superação do (neo) conservadorismo profissional que se apresenta no ambiente acadêmico e de intervenção do assistente social.

Por isso, entende-se a necessidade de competência crítico-analítica, assim como embasamento teórico-metodológico, para o desvelamento das expressões fenomênicas do cotidiano do estágio, tendo em vista uma ação transformadora e propositiva.

Durante a vivência na graduação da UFBA, todavia, foi percebido que na própria formação profissional, e em especial, nas experiências de estágio, a dificuldade de se correlacionar os direcionamentos teóricos-metodológicos e éticos-políticos na sua intervenção, contrastando com um discurso predominantemente crítico-transformador.

Assim, partindo de uma preocupação com os rumos da profissão, constitui-se o objetivo deste trabalho, qual seja: analisar a apropriação/compreensão do método dialético por parte dos/as estudantes de Serviço Social da UFBA, que encontram-se cursando a disciplina de Estágio Supervisionado III no semestre 2019.1. Buscou-se entender como eles/elas percebem a relação desse método com a instrumentalidade profissional. Tal objetivo foi alcançado através de procedimentos e metodologia qualitativa de coleta e análise de dados.

Para a realização da pesquisa, primeiramente, foi realizada uma pesquisa de natureza exploratória, através de conversas com professoras do curso de Serviço Social da UFBA, que, desta maneira, contribuiu para a delimitação do tema e formulação do problema. Paralelamente e influenciada pela pesquisa exploratória, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, levantando textos, livros e artigos que tratavam da temática abordada nesta pesquisa, e que contribuiu para a elaboração da discussão teórica, fundamentando e conferindo consistência ao problema pesquisado, além de subsidiar a coleta, análise e interpretação dos dados.

A perspectiva metodológica utilizada foi a dialética, posto que se objetivou estudar o objeto “[...] em todo os seus aspectos, em todas as suas relações e todas as suas conexões. Fica claro também que a dialética é contrária a todo conhecimento rígido” (GIL, 1987, p.32). Portanto, esta investigação processou-se na tentativa de apreensão da delimitada experiência de estágio de maneira contraditória, processual, totalizante, objetivando entender os nexos constitutivos que particularizam o objeto investigado.

Para a coleta de dados, utilizamos a técnica de grupo focal.

O objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo em vez de se fundamentarem na perspectiva individual, como no caso da entrevista em profundidade. (GASKELL, 2002, p.75)

Logo, a utilização do grupo focal permitiu uma coleta de dados de forma qualitativa, por intermédio de uma discussão entre os/as estudantes acerca da realidade de estágio supervisionado e a relação desta vivência com o processo de construção e aplicação do projeto de intervenção.

Nesse sentido, em decorrência da disciplina Estágio Supervisionado em Serviço Social III possuir a prerrogativa de se executar o projeto de intervenção, entramos em contato com um/uma professor/a que ministra a disciplina a respeito da liberação dos/as estudantes matriculados/as para a participação no grupo focal, obtendo a anuência dele/a.

No dia da realização do grupo focal, 13/06/2019, foi observada a oportunidade de chamar estudantes matriculados/as em outra turma da disciplina Estágio Supervisionado em Serviço Social III, com possibilidade de se garantir um maior número de estudantes. Entramos em contato com o/a professor/a para a liberação corpo discente, obtendo a também anuência dele/a.

Antes da realização do grupo de discussão, realizamos um pré-teste com estudantes de Serviço Social que já concluíram sua experiência de estágio. Tal teste foi fundamental para a identificação de que os/as estudantes sentiam dificuldades em desenvolver o seu raciocínio sobre as principais categorias do método dialético, tais como “totalidade”, “mediação” e “contradição”.

Nesse sentido, preocupando-se em não colocar os/as alunos/as em colocação vexatória e buscando uma operacionalização mais exitosa do grupo focal, a dinâmica utilizada no trabalho de campo - que posteriormente será explicitada - foi alterada. Buscou-se colher o entendimento tácito por parte dos/as estudantes acerca do método dialético na sua relação com as suas experiências de estágio e construção dos seus respectivos projetos de intervenção. Ou seja, importou-se captar o conteúdo do método em questão, respeitando os limites éticos de um trabalho científico.

O grupo focal foi realizado com a presença de seis estudantes, tendo uma duração de aproximadamente 50 minutos, após a assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), garantindo-se o sigilo de pesquisa e a liberdade dos/as alunos/as em optar ou recusar participar a qualquer momento, tendo sido solicitado a autorização para a gravação de vídeos, imagens e sons.

No momento da realização da pesquisa, esteve presente o pesquisador, que atuou como mediador, uma pessoa que filmou e outra pessoa que elaborou o relatório de campo. A coleta de dados foi realizada por intermédio de vídeos, com imagens e sons.

Durante a realização do grupo focal, utilizamos uma dinâmica com palavras-chave espalhadas pelo chão, mas que se conectavam através de “setas”, e se referiam a categorias e conceitos presentes no materialismo histórico-dialético e a

concepções acerca do cotidiano profissional. São elas: “teoria-prática”, “determinantes gerais da realidade”, “aparência da realidade”, “essência da realidade”, “atuação crítica”, “atuação conservadora”, “projeto ético-político do Serviço Social”, “projeto de intervenção” e “experiência de estágio”.

A utilização da referida dinâmica foi fundamental para o desenrolar do grupo de discussão. Houve uma interação entre os/as estudantes, complementação às falas dos/as colegas, a construção do raciocínio a partir do diálogo etc.

A transcrição do grupo focal durou dois dias e se consubstanciou num conteúdo com mais de seis mil palavras. A análise e interpretação dos dados encontram-se no terceiro capítulo.

Antes, no próximo capítulo exatamente, em um primeiro momento é tratado, de forma breve, os fundamentos do *método dialético* na sua inerente vinculação à teoria social elaborada por Karl Marx. Posteriormente, é tematizado o processo complexo e contraditório de aproximação do Serviço Social com os fundamentos teóricos-metodológicos formulados pela tradição marxista, a partir de uma feroz crítica ao tradicionalismo da profissão, buscando pôr o saber profissional a serviço dos interesses das classes populares.

No terceiro capítulo, está posta a análise e interpretação dos dados através do trabalho de campo. Esta reflexão é subdividida em temas que apareceram com uma maior frequência no grupo de discussão e que são consonantes com os propósitos deste trabalho.

O quarto capítulo contém as considerações finais, no qual são descritos os aprendizados centrais do processo de pesquisa, refletindo-se acerca dos seus resultados.

## 2 O SERVIÇO SOCIAL E SEU ELO COM O MÉTODO DIALÉTICO

### 2.1 O MÉTODO E SUA INTRÍNSECA VINCULAÇÃO À TEORIA SOCIAL

O método dialético<sup>6</sup> não surgiu a partir da genialidade ou de descobertas repentinas de Marx, ao contrário, é fruto de sua longa investigação e elaboração teórica. Tal método compõe nuclearmente à teoria social da sociedade burguesa. Por isto, propositadamente, o autor durante sua vida não se ocupou de produzir conteúdo que trate diretamente da questão do método em si, como algo independente da investigação ou da teoria. Na verdade, ele procurou produzir conhecimento sobre um objeto real e determinado; isto é, a essência do pensamento marxiano não se trata meramente de uma epistemologia, e sim de uma ontologia (NETTO, 2009).

Nesta direção, José Paulo Netto (2009, p. 794, grifos do autor), apoiado em Lenin, nos atesta que Marx se ocupou de reproduzir idealmente a real e verdadeira dinâmica do capital, “deu-nos a lógica d’*O capital*”. Marx, desse modo, atarefou-se de ser totalmente fiel ao objeto. Abordar a questão método, então, não é tratar de um conjunto de regras formais para um determinado recorte de objeto, nem ainda um determinado conjunto de regras que o/a pesquisador/a escolhe, conforme sua vontade, para adequar o objeto de investigação. Segundo o autor, o “[...] método implica, pois, para Marx, uma determinada *posição* (perspectiva) do sujeito que pesquisa: aquela em que se põe o pesquisador para, na sua relação com o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações.”

Nesse sentido, conforme Sant’ana e Silva (2013, p.183), o percurso metodológico calcado numa abordagem crítico-dialética implica romper com uma concepção de “aplicação de teorias e métodos a uma dada realidade”; visa romper também com noção de separação entre teoria e prática, assim como suas expressões teoristas ou praticistas; ou ainda intenta se desvincular de um tratamento metodológico como um “receituário científico direcionado à prática e ‘aos da prática’”.

---

<sup>6</sup> “Possivelmente o tópico mais controverso no pensamento marxista, a dialética suscita as duas principais questões em torno das quais tem girado a análise filosófica marxista: a natureza da dívida de Marx para com Hegel e o sentido em que o marxismo é uma ciência. A dialética é tematizada na tradição marxista mais comumente enquanto (a) um método e, mais habitualmente, um método científico: a dialética epistemológica; (b) um conjunto de leis ou princípios que governam um setor ou a totalidade da realidade: a dialética ontológica; e (c) o movimento da história: dialética relacional. Todos os três aspectos encontram-se em Marx.” (BOTTOMORE, 1998, p.101)

Portanto, para se discutir a questão do método, é imprescindível uma abordagem da ontologia marxiana, mesmo que moderadamente, evitando, assim, simplificações ou reducionismos no tratamento da temática.

Nesse passo, a teoria social de Marx ancora-se sobretudo no primado da economia, não numa visão economicista da vida, na qual todo o fundamento explicativo de uma determinada sociedade seria fornecido pela economia, mas sim nos movimentos da *História*, isto é, nos processos de produção da vida humana como base da estruturação das relações sociais, políticas, culturais etc.

Partir do primado da economia para se analisar a realidade, é destacar a categoria trabalho como elemento fundante da existência humana. É através do trabalho que homens e mulheres, dentre outras identidades de gênero, para satisfazerem suas necessidades, transformam a natureza e ao mesmo tempo se autotransformam, isto é, subordinam-se cada vez mais o ser natural para se configurar como ser social (GUERRA, 2010; FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015; PONTES, 2016).

Produzir a vida, tanto a sua própria vida pelo trabalho, quanto a dos outros pela procriação, nos aparece portanto, a partir de agora, como uma dupla relação: por um lado como uma relação natural, por outro como uma relação social - social no sentido em que se estende com isso a ação conjugada de vários indivíduos, sejam quais foram suas condições, forma e objetivos. Disso decorre que um modo de produção ou um estágio industrial determinados estão constantemente ligados a um modo de cooperação ou a um estágio social determinados, e que esse modo de cooperação é, ele próprio, 'uma força produtiva'; decorre igualmente que a massa das forças produtivas acessíveis aos homens determina o estado social, e que se deve por conseguinte estudar e elaborar incessantemente a "história dos homens" em conexão com a história da indústria e das trocas." (MARX; ENGELS, 1998, p.23-24)

Neste processo de intercâmbio com a natureza, o indivíduo configura-se como um ser prático-social. Prático porque "se realiza por meio de objetivações" e social porque se apropria "do conjunto de objetivações humanas." Tal processo é constituído pelas determinações da *consciência e linguagem* (GUERRA, 2010, p.101-102).

A natureza histórica da consciência desde sempre se relaciona com a linguagem, justamente porque a linguagem é a consciência material de que tudo que existe para mim, existe para outras pessoas. Tanto a consciência quanto a linguagem despontam com a carência, com a necessidade de se relacionar com as outras pessoas. "A

consciência é portanto, de início, um produto social e o será enquanto existirem homens.” (MARX; ENGELS, 1998, p.24-25).

Para a realização do trabalho, é necessária uma prévia ideação, ou seja, a capacidade teleológica da qual somente humanos possuem, capacidade esta realizada no âmbito da consciência para projetar finalidades que serão materializadas no âmbito do concreto (FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015).

Destaca-se que essa função é determinada a partir da busca das satisfações das necessidades distintas da humanidade, já que é constituída a partir do momento em que o homem busca-a enquanto uma protoforma facilitadora das necessidades sociais coletivas dadas na cotidianidade, isso porque, é a partir da teleologia que o homem projeta na sua consciência as formas daquilo que, em breve, será seu trabalho objetivado (FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015, p.22).

Conforme Guerra (2010, p.103, grifos da autora), o trabalho é a forma através da qual seres humanos transformam a natureza em valores de uso para si, ou seja, em certas vocações “naturais” para satisfazer às necessidades coletivas. É por intermédio do trabalho que se criam e recriam modos de produção e, por conseguinte, o ser social. Se isto é uma verdade, o trabalho em primeira instância constituirá o modelo de *práxis*, isto é

[...] o conjunto das objetivações humanas, por meio das quais os homens realizam-se enquanto seres humanos-genéricos, objetivações estas que não se reduzem ao trabalho. Entretanto, é por meio deste que o ser social se constitui, se expressa, se desenvolve, cria e recria relações sociais. (GUERRA, 2010, p.103).

Portanto, é por intermédio do trabalho, enquanto forma de *práxis*, que os seres humanos se constituem enquanto tal, subordinam cada vez mais as categorias naturais, constroem e reconstróem modos de produção, estruturam sociabilidades, expressam-se enquanto seres livres, capazes de escolher, recusar, optar entre alternativas concretas, satisfazem necessidades coletivas - o trabalho é por excelência um trabalho social, isto é, produção de indivíduos em relação -, por fim, funda a história.

Todavia, o trabalho adquire certas particularidades em determinadas configurações sócio-históricas. Na sociabilidade burguesa, destarte, foi possível se ter a universalização do trabalho, possibilitada pelo desenvolvimento da ciência, da

tecnologia e do campo de necessidades humanas. Tal processo possibilitou à humanidade o intercâmbio cada vez mais profundo com as determinações da sociedade (PONTES, 2016, p.72).

Mas Marx captou que a sociedade burguesa é determinada também por uma certa forma de alheamento (*entfremdung*), qual seja, indivíduos que produzem não se reconhecem no seu produto final, estranhando os valores de uso gerados em sua produção. Neste processo ocorre uma oposição entre a nossa essência enquanto indivíduos sociais e a nossa existência na teia das relações sociais capitalistas (GUERRA, 2010, p. 103-104).

A sociabilidade burguesa se ergue sob esta materialidade marcada pela *estranhamento*, produto do *fetichismo da mercadoria*<sup>7</sup>, mecanismo esse responsável pela inversão da estrutura da sociedade, ou seja, o que antes era resultado da relação entre pessoas, agora aparece como resultado da relação entre coisas (PONTES, 2016, p.72, grifos meus).

Outrossim, a sociedade onde vivemos é marcada por relações sociais fetichizadas. Isto é uma determinação da qual não podemos fugir; é objetiva. Tal determinação é fundamental para a produção e reprodução do modo de produção capitalista, uma vez que estabelece com que não nos reconheça no produto final com que produzimos. Esta realidade faz com que nós, ao apanharmos os processos sociais, tomamos a aparência como essência, não concebendo os processos em sua inteireza, como totalidade, negligenciando, assim, os complexos sociais estruturantes da humanidade.

A produção do conhecimento viabilizada pelo método dialético abrange as determinações substanciais do ser social. Concordando conosco e acrescentando, Netto (2009, p.787) afirma que se faz preciso que na teoria social da sociedade burguesa tenha-se “como fundamento as condições materiais da vida social”, de tal sorte que não importa os desejos ou preferências particulares do/a pesquisador/a;

---

<sup>7</sup> Segue-se um perfeito exemplo desse processo de alienação: [...] imeditamente [*sic*], a mercadoria sapato, ao ser exposta em uma vitrine, elimina todo processo necessário à sua produção; todavia, esse processo produtivo está contido, naquele par de sapatos, como trabalho socialmente acumulado que, devidamente analisado (para além de sua face imediata), explica não somente a mercadoria sapato, mas todo processo que o constituiu por meio da produção de valor objetivada pelo trabalho humano. Ora, trata-se de *relações socialmente constituídas!* O segredo desse contexto, seu fetiche, está em aparentemente eliminar a sua gênese processual *descartando, assim, toda a chave explicativa necessária para apanhar a vida social como totalidade social*. Ao fazer isso, não apenas fetichiza a mercadoria, *mas as relações sociais como um todo*, tomando a parte de um processo como sendo ele por inteiro, aparência como essência, o imediato como mediato.” (SANT’ANA; SILVA, 2013, p. 188, grifos do autor)

importa-se sobretudo que a estrutura e dinâmica do objeto de investigação sejam reproduzidos idealmente na cabeça de quem pesquisa, isto é uma exigência teórica-metodológica marxiana. Este ponto de partida material do método marxiano pode ser constatado na seguinte passagem:

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir do seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital. (MARX; ENGELS, 1998, p.19)

Nesta citação da obra “*A ideologia alemã*”, ao passo em que Marx e Friedrich Engels empreendem uma crítica aos “jovens hegelianos”, por conceberem “os produtos da consciência” como “os verdadeiros grilhões da humanidade”, explicita-se um entendimento eminentemente materialista da vida, sob a qual se erige a consciência. “A consciência nunca pode ser mais do que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real.” (MARX; ENGELS, 1998, p.19)

O ponto de partida do pensamento marxiano, portanto, é a vida material, a forma como os indivíduos sociais trabalham, produzem, moram, comem, se vestem, se relacionam etc. - objetividade da qual não escolhem estar, apenas estão. Afinal, quem escolheu nascer neste tipo de sociedade? Até para escolher transformá-la, é preciso *estar* nela.

Nesta lógica, o pontapé inicial do pensamento marxiano contrasta com a concepção idealista, que entende o pensamento como o criador do real, que partem do como indivíduos pensam, representam e dizem, calcada principalmente no pensamento hegeliano. Ou seja, o/a pesquisador/a não parte do que pensam sobre a vida, mas de como realmente é a vida, de como ela está estruturada, para reproduzir/problematizar teoricamente, retornando a ela o tempo todo, pois é nas idas e vindas da *vida prática* que o processo de teorização vai se materializando, num movimento espiral contínuo.

Com efeito, a teoria sob a ótica marxiana nada mais é do que a reprodução ideal do movimento da realidade, através de *aproximações sucessivas*, uma vez que, conforme Reinaldo Nobre Pontes (2016), a realidade não é tênue, linear, mas é

dinâmica e contraditória, está sempre em processo. Logo, nunca haverá por parte da teoria uma captação fidedigna do real, que é extremamente movente e tenso. Em outras palavras, a razão humana não cria o real, ao contrário, ela recebe um impulso do mesmo para uma análise fiel a realidade, mas sem jamais esgotá-la. Tal caráter da teoria pode ser evidenciado na Introdução dos Manuscritos Econômicos de 1857-1858.

O todo como um todo de pensamentos, tal como aparece na cabeça, é um produto da cabeça pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, um modo que é diferente de sua apropriação artística, religiosa e prático-mental. O sujeito real, como antes, continua a existir em sua autonomia fora da cabeça; isso, claro, enquanto a cabeça se comporta apenas de forma especulativa, apenas teoricamente. Por isso, também no método teórico o sujeito, a sociedade, tem de estar continuamente presente como pressuposto da representação (MARX, 2011, p.79).

Portanto, pode-se inferir que em Marx há uma maior preponderância do objeto em relação ao sujeito. O objeto possui uma existência que independe da vontade ou desejo de quem pesquisa; contudo, pode-se dizer que este objeto foi produzido historicamente por indivíduos sociais em sua atividade de vida real (NETTO, 2009, p.777). Segue-se o raciocínio *ipsis litteris* do autor, acompanhado do de Engels, seu grande companheiro intelectual.

[...] indivíduos determinados com atividade produtiva segundo um modo determinado entram em relações sociais e políticas determinadas. Em cada caso isolado, a observação empírica deve mostrar nos fatos, e sem nenhuma especulação nem mistificação, a ligação entre a estrutura social e política e a produção. [...] A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de indivíduos determinados [...] isto é, tais como trabalham e produzem materialmente; portanto, do modo como atuam em bases, condições e limites materiais determinados e independentes de sua vontade. (MARX; ENGELS, 1998, p.18)

Netto (2009, p. 777) acrescenta que no processo de conhecimento teórico, nega-se qualquer externalidade entre sujeito e objeto, e com isso qualquer pretensão de neutralidade; para ele, o sujeito está intimamente imbricado no objeto. Por esse ângulo, o sujeito tem um papel eminentemente ativo na pesquisa, uma vez que precisa de sólidos suportes das várias áreas do saber para superar o imediatamente sensível e chegar ao mediato, à essência em sua processualidade.

Ainda nessa perspectiva, ressalta-se que é cara para Marx a distinção entre *aparência* e *essência*, de tal sorte que se tal distinção inexistisse, a existência da ciência para ele seria supérflua. Para a razão dialética num todo, o real não está aparente, no imediato; ao contrário, tudo que existe na realidade é constituída de mediações. Logo, para o sujeito que intenta produzir conhecimento teórico é necessário ir além da aparência fenomênica, das formas imediatas da vida - nível da realidade este o ponto de partida para o conhecimento, portanto imprescindível - para se aprender a essência do objeto. Dessa forma, para captação do objeto é preciso a superação da imediaticidade, através de sua negação, compreendendo as mediações, as múltiplas passagens entre os vários complexos que compõem a realidade, para conceber a *totalidade* concreta (NETTO, 2009; PONTES, 2016).

Esta última afirmação não foi à toa, a totalidade é uma categoria<sup>8</sup> fundamental do método. Para Lukács, é a categoria totalidade que diferencia a proposta teórico-metodológica marxiana de toda ciência burguesa (*apud* PONTES, 2016, p.80).

De acordo com Pontes (2016, p.81), baseando-se em dados concretos da realidade, Marx compreendeu que os processos sociais são constituídos a partir de uma determinada forma de produção, ou seja, os processos históricos de produção e reprodução da vida determinam os complexos constitutivos da realidade. Sob essa linha de raciocínio, Marx compreendera que a diversidade de processos - sejam eles sociais, culturais, econômicos, estéticos etc. - constituem, no limite, uma unidade, uma totalidade. Portanto, a totalidade configura-se como uma categoria concreta. “É própria do ser social”, logo, ontológica.

Contida na dinâmica da vida social, essa categoria [totalidade] é componente da realidade, embora não se revele, imediatamente, como tal. A realidade é rica em determinações, saturada de múltiplas mediações que explicam a dinâmica de complexos sociais materialmente existentes (trabalho, classe social, consciência, ideologia, pauperismo, entre outros). (SANT’ANA; SILVA, 2013. p.187)

Nessa linha de pensamento, Netto (2009, p.796, grifo do autor) destaca que

---

<sup>8</sup> Segundo Pontes (2016, p.77-78), as categorias são de duas naturezas - ontológicas e reflexivas. As de natureza ontológica, são exatamente as “formas de ser” de uma dada realidade. Elas aparecem para os sujeitos como produtos de seu próprio automovimento, como categorias lógicas, porém são categorias recriadas pela razão a partir do movimento do real. Já as reflexivas, diferentemente das categorias de ordem ontológica, não expressam “formas de ser”, mas configura-se como estruturas lógicas ligadas ao imediato, portanto, sem mediações, contudo, essenciais ao processo de aproximações sucessivas à realidade.

Para Marx, a sociedade burguesa é uma *totalidade concreta*. Não é um “todo” constituído por “partes” funcionalmente integradas. Antes, é uma totalidade concreta inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade. Nenhuma dessas totalidades é “simples” – o que as distingue é o seu grau de complexidade (é a partir desta verificação que, para retomar livremente uma expressão lukacsiana, a realidade da sociedade burguesa pode ser apreendida como um complexo constituído por complexos).

Portanto, a categoria totalidade é fundamental na perspectiva metodológica marxiana. É sob essa ótica que se possibilita analisar a realidade não como uma soma das partes, mas sim como uma totalidade repleta e articulada de totalidades parciais. A categoria totalidade, nessa perspectiva, é dinâmica, está em uma contínua tensão, sempre em movimento, em *processo*, em profunda *contradição* e transformação, senão seriam as totalidades inertes e paralisadas.

Nessa linha de pensamento, Marx, em sua investigação do modo de produção capitalista, ocupou-se de analisar como essa determinada organização de produção conferiu características históricas às categorias econômicas (NETTO, 2009, p. 791).

Nesse sentido, Marx buscou conferir *historicidade* à sua análise. Isto pode ser evidenciado na passagem que se segue.

[...] quando se fala de produção, sempre se está falando de produção em um determinado estágio de desenvolvimento social - da produção de indivíduos sociais. Desse modo, poderia parecer que, para poder falar em produção em geral, deveríamos seja seguir o processo histórico de desenvolvimento em suas distintas fases, seja declarar por antecipação que consideramos uma determinada época histórica, por exemplo, a moderna produção burguesa, que é de fato o nosso verdadeiro tema. No entanto, todas as épocas da produção têm certas características em comum, determinações em comum. A *produção em geral* é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição. Entretanto, esse *Universal*, ou o comum isolado por comparação, é ele próprio algo multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações. Algumas determinações pertencem a todas as épocas; outras são comuns apenas a algumas. (MARX, 2011, p. 56, grifos do autor)

Na passagem citada, o pensador alemão alerta que para falar de produção, é preciso tratar de um certo tipo produção, com certas características conformadas por um determinado desenvolvimento histórico. Por isso, um modo de produção, é

necessariamente articulado, rico de determinações. Ele possui características em comum com outras épocas históricas, mas também particularidades que a diferencia.

Para resumir: para todos os estágios da produção há determinações comuns que são fixadas pelo pensamento como determinações universais; mas as assim chamadas *condições universais* de toda produção nada mais são do que esses momentos abstratos, com os quais nenhum estágio histórico efetivo da produção pode ser compreendido. (MARX, 2011, p.61)

Por isso, a totalidade social historicamente determinada e determinante se particulariza diferenciadamente em cada parte, complexos, da sociedade. Nesse quadro, evidencia-se uma categoria com papel central na dialética, a particularidade, constituindo-se como um *campo de mediações*, segundo Lukács. (PONTES, 2016, p.95-96, grifos do autor)

A particularidade, nessa perspectiva, articula-se categorialmente na tríade *universalidade-particularidade-singularidade*, que é desenvolvida na citação que se segue:

[...] a *singularidade* é essencial para a reconstrução do real (*insuprimível como tal e parte da totalidade social*), mas insuficiente por se apresentar sempre imediatamente. Essa desconstrução operada com o auxílio da razão dialética e orientada ontologicamente indica que não se trata apenas de relações imediatamente postas, *mas de relações universais, socialmente explicadas*, que remetem ao funcionamento de dada ordem social, seu metabolismo, sua sociabilidade, ou seja, a forma como os homens se organizam para produzir e reproduzir a vida social. Essa *universalidade*, para que não se perca em generalizações e abstrações, somente pode ser apanhada nas suas *particularidades*, isto é, os complexos sociais universais não se objetivam igualmente em todas as realidades, ainda que componham uma universalidade, façam parte de uma lógica que não se encerra e não se explica pontualmente, localmente, individualmente. O reino da particularidade é o reino das *mediações, das conexões explicativas realmente existentes e mentalmente reconstruídas pela razão ontológica*. (SANT'ANA; SILVA, 2013, p. 187-188, grifos do autor)

Dessa forma, a dialética entre as determinações mais universais e as determinações mais singulares podem ser compreendidas através do difícil processo de apreensão da realidade elaborada pela mente, a partir do entendimento e superação dos fatos da imediatez, perpassando os complexos parciais, capturando a sua processualidade, o seu movimento, a sua relação mediatizada por

complexos totais e, assim, conhecendo os processos sociais, particularizando os aspectos gerais na singularidade e vice-versa.

Se é verídico que as categorias exprimem um determinado modo de ser, é lógico dizer que elas são *históricas* e *transitórias*. Outrossim, a sociabilidade burguesa possui categorias que são legatárias de sua razão de ser, por exemplo, o trabalho assalariado. Todavia, tal categoria possui determinadas características que a particulariza no século XXI - século este enfiado pelas desenvolvimento tecnológico, mundialização do capital, desemprego estrutural etc. -, diferenciando-se da sua conformação no século XX.

A sociabilidade burguesa, conforme analisou Marx, possui o mais alto grau de desenvolvimento da organização da produção - e, portanto, a chave para a análise das produções anteriores. Consequentemente, ela possui a mais alta riqueza categorial. O seu conhecimento teórico, nesse sentido, tem que apreender a riqueza categorial que lhes é intrínseca, o que normalmente não é feito nas obras que tratam de divulgar “o método de Marx” (NETTO, 2009, p. 791).

Mas de que forma analisar a correção desse conhecimento teórico, como analisar a sua “verdade”? Segundo Netto (2009), é na prática histórica e social que se verifica a validade de determinada teoria. Para o autor, a veracidade da teoria de Marx se verifica quando suas análises sobre o modo de produção capitalista se comprovaram e continuam se comprovando no decorrer do percurso histórico. Isto de nenhuma maneira faz de Marx um profeta, na verdade o pensador alemão procurou extrair do movimento do capital a sua estrutura, determinações e categorias.

Então, Marx em sua obra tratou de adensar o modo de produção capitalista de suas múltiplas determinações, categorias, buscou apreender sua estrutura, as leis tendenciais e históricas que as rege. Procurou a partir de um grande aparato técnico, teórico e metodológico conhecer a dinâmica, desenvolvimento e real configuração do ser social burguês.

Mas como Marx conseguiu apreender as determinações, as formas de ser do modo de produção capitalista? Qual o caminho metodológico em que ele percorreu? Nesse sentido, posto o objeto, evidencia-se o método, põe-se a questão de como conhecê-lo e por qual perspectiva.

Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo, e, portanto, no caso da economia, por exemplo,

começarmos pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso. A população é uma abstração quando deixo de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída. Essas classes, por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam. P. ex., trabalho assalariado, capital etc. [...] Por isso, se eu começasse pela população, esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples; do concreto representado [chegaria] a conceitos abstratos [*Abstrakta*] cada vez mais finos, até que tivesse chegado às determinações mais simples. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações. [...] O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento. (MARX, 2011, p.76-78)

Na citação anterior, o pensador alemão enuncia a incorreção dos economistas ao começar sua investigação com a população, haja vista que é uma abstração<sup>9</sup>. Ou seja, é um começo pobre de determinações, desarticulado, uma vez que necessariamente tratar da população, implica articulá-lo às classes sociais, à divisão social do trabalho, ao capital etc.

Nessa linha de pensamento, *o concreto é a condensação das múltiplas determinações da realidade*, é a “unidade da diversidade”. Inicialmente aparece de forma abstrata, como resultado, não como ponto de partida. O distanciamento dessa análise do concreto como resultado realiza-se por meio da sua reprodução na mente como *concreto pensado*, chegando a *determinações cada vez mais simples*. Após isso, a análise da realidade volta aos fatos cotidianos com uma nova condição, muitas mais rica de determinações, relações, densa e complexa.

---

<sup>9</sup> “A abstração é a capacidade intelectual que permite extrair da sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável – aliás, no domínio do estudo da sociedade, o próprio Marx insistiu com força em que a abstração é um recurso indispensável para o pesquisador. A abstração, possibilitando a análise, retira do elemento abstraído as suas determinações mais concretas, até atingir ‘determinações as mais simples’. Neste nível, o elemento abstraído torna-se ‘abstrato’ – precisamente o que não é na totalidade de que foi extraído: nela, ele se concretiza porquanto está saturado de ‘muitas determinações’”. (NETTO, 2009, p.789)

Em outros termos, a compreensão da totalidade social em sua forma dinâmica e complexa não ocorre de maneira imediata - essa forma é apenas o resultado -, ou seja, a história aparece cotidianamente para nós como resultado de inúmeros processos sociais, culturais, econômicos, políticos etc., em sua singularidade, de tal sorte que o entendimento fiel ao objeto procede a partir da apreensão e articulação dos seus vários processos constitutivos, alcançando a universalidade dos processos sociais, particularizadas historicamente em determinadas conjunturas.

Posto esta breve análise do método dialético, é importante sempre lembrar que a teoria social de Marx se vincula, sem dúvidas, a um projeto de superação da sociedade do capital. Em outras palavras, é um conhecimento teórico que se coloca sob a perspectiva da classe trabalhadora, classe esta composta por diversos sujeitos políticos - população negra e indígena, quilombolas, mulheres, orientais etc. - oprimidos e explorados de variadas formas, sendo, entretanto, a venda da força de trabalho a forma que os unifica na dinâmica da luta de classes.

Tal teoria social, portanto, notadamente enuncia-se enquanto ideológica, em contraposição com a ideologia dominante<sup>10</sup>, atrelada ao capital. Isto faz com que, segundo Netto (2009, p.771), as problemáticas relacionadas à teoria social de Marx não se reduzam apenas às questões teóricas e filosóficas, mas também por sua condição ideológica, inclusive tendo no século XX vários marxistas presos, torturados, perseguidos ou mortos por sua não obediência ao capital.

Assim, segundo Sant'ana e Silva (2013, p.185-186), "A revolução não é uma abstração, mas uma possibilidade histórica real, cujos germes constituem estruturalmente o mundo do capital." Portanto, a própria materialidade do mundo do capital é contraditória, ou seja, ao mesmo tempo em que a burguesia domina e explora a classe que vive do trabalho, engendram-se possibilidades históricas para a superação do *status quo*.

Para Marx e Engels (1998, p.32, grifos do autor), o comunismo - uma sociedade que seria ulterior à do capital, sociedade esta baseada na propriedade comum dos

---

<sup>10</sup> "Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de idéias [sic], portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as idéias [sic] de sua dominação." (MARX; ENGELS, 1998, p, 48, grifos do autor)

meios de produção - “não é nem um *estado* a ser criado, nem um *ideal* pelo qual a realidade deverá se guiar. Chamamos de comunismo o movimento *real* que supera o estado atual das coisas.”

O comunismo, nessa perspectiva, está dado como possibilidade viva na cotidianidade da vida social, ele é reflexo do antagonismo entre capital e trabalho. Para esses autores alemães, o comunismo não é inicialmente fruto do cabeça de pensadores, do que acham e representam, na verdade tal modelo sociabilidade é antes de tudo material, seus germes encontram-se na materialidade da vida social. Por isso,

As proposições teóricas dos comunistas não se assentam sobre ideias e princípios que tenham sido inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo.

Elas são apenas a expressão geral de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenrola sob os nossos olhos. A supressão das atuais relações de propriedade não é algo que diferencia o comunismo.

As relações de propriedade sempre passaram por mudanças e transformações históricas.

A Revolução Francesa, por exemplo, suprimiu a propriedade feudal em prol da propriedade burguesa.

O que caracteriza o comunismo não é a supressão da propriedade em si, mas a supressão da propriedade burguesa.

Porém, a propriedade burguesa moderna constitui a última e mais perfeita expressão do modo de produção e apropriação baseado em antagonismos de classes, na exploração de uma classe por outra.

Neste sentido, os comunistas podem resumir sua teoria em uma única expressão: supressão da propriedade privada. (MARX; ENGELS, 2008, p. 30-31)

As proposições teóricas substantivamente comunistas, de acordo com os autores, não surgem, de partida, das subjetividades de determinadas pessoas que entendem o processo de transformação social enquanto processos lógicos; ao contrário, *na verdade a elaboração teórica calcada no materialismo histórico-dialético é uma expressão de como está dada a dinâmica da luta de classes, o antagonismo entre capital e trabalho; é um entendimento teórico que visa, no limite, a abolição da propriedade privada.*

E o Serviço Social? Qual sua relação com a teoria social de Marx? Em que momento tal relação se iniciou? Quais são os efeitos teórico-metodológicos da apropriação do materialismo-histórico e dialético pela profissão? Quais são os

desdobramentos éticos-políticos propiciados por essa relação? Todas essas questões serão brevemente analisadas no próximo tópico.

## 2.2 NOTAS SOBRE A APROXIMAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL COM A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE MARX

Para se destacar a aproximação do Serviço Social com a tradição marxista, é necessário remeter a análise ao período denominado como *Movimento de Reconceituação do Serviço Social*<sup>11</sup> no contexto geral da América Latina, mas com particularidades na realidade de cada país. De fato, é no marco desse movimento que a tradição marxista se insere no seio do Serviço Social, mesmo que com inúmeros problemas conceituais, como veremos mais a diante. Tal período é caracterizado, acima de tudo, pela denúncia e contestação do Serviço Social “tradicional” acerca da sua inoperância ante às exigências que àquela conjuntura colocava para a profissão (NETTO, 2015, grifos do autor).

Araújo et al. (2011, p. 100) define o Movimento de Reconceituação latino-americano como processo hegemônico de contestação ao conservadorismo genético do Serviço Social, atrelado às demandas sócio-institucionais. Em decorrência desse processo, colocam-se como exigência para a profissão, a renovação teórico-metodológica de raiz crítica, sob inspiração marxista, atrelada aos interesses das classes populares, tendo em vista a transformação social.

[...] o Movimento de Reconceituação do Serviço Social constitui-se, no interior da profissão, como um esforço para o desenvolvimento de propostas condizentes com as especificidades do contexto latino-americano, ao mesmo tempo em que se configura como um processo amplo de questionamento e afirmação crítica da profissão. Isso se dá motivado pelas pressões sociais e demandas dos setores populares, num contexto de grande mobilização, historicamente marcado pelo acirramento pelas desigualdades de classe e pelas questões sociais em face da dinâmica da acumulação capitalista (ARAÚJO et al. 2011, p.100)

---

<sup>11</sup> Segundo Araújo et al. (2011) o Movimento de Reconceituação é um processo que está em permanente construção e, portanto, continua até hoje. Netto (2015), por seu turno, entende que a reconceituação foi um processo histórico datado e restrito. Neste trabalho, adotaremos essa última concepção considerando a sua correção teórica. Verifica-se, hoje em dia, um novo estágio do Serviço Social, com a institucionalização de um projeto ético-político como resultado das respostas profissionais a dinâmica das lutas de classe, sendo que, por outro lado, tal projeto precisa, mais do que nunca, ser reafirmado, tendo em vista as novas etapas de acumulação do capital, e seus reflexos teóricos, políticos e ideológicos.

Observa-se ainda, segundo as autoras, o tratamento do movimento de reconceituação como um processo histórico, e que, por conseguinte, permanece inacabado; está em permanente construção, desconstrução e reconstrução. Apresenta-se como um movimento de superação dialética do conservadorismo profissional. (ARAÚJO et al. 2011, p.114)

Netto (2015, p.172), por sua vez, analisa a reconceituação como um movimento complexo, contraditório e datado, na medida em que quanto mais se aprofunda a interlocução com a proposta teórico-metodológica marxista, verifica-se conflito e disputas no interior da profissão. Segundo ele, no decorrer dos anos 1970, para se combater o tradicionalismo do Serviço Social, engendrou-se alternativas contrapostas. De um lado, uma vertente de ruptura total com as representações do tradicionalismo, de outro, uma proposta consoante com o reformismo desenvolvimentista, inclusive construindo alianças com os setores “tradicionais”.

Este processo de disputas dentro da reconceituação contribuiu com processo de exaurimento da reconceituação, e foi condicionado pela postura repressiva das diversas ditaduras do Cone Sul da América, obstaculizando o espírito de mudança social crescente na época, que visava a superação do subdesenvolvimento presente nos países latino-americanos. Esse quadro travancou o desenvolvimento da perspectiva reformista-democrática e revolucionária no seio da profissão, como também direcionou as propostas teórico-metodológicas que se empreendiam à época (NETTO, 2015, p.192). Na esteira dos conflitos mencionados, evidencia-se o esgotamento da reconceituação.

O Movimento de Reconceituação, destarte, foi um dos vetores fundamentais de “erosão do Serviço Social tradicional”, mas não o único. A reconceituação está intimamente relacionada a um fenômeno internacional de esgotamento do padrão de acumulação keynesiano-fordista, que vinha de um constante crescimento desde a segunda guerra mundial, e que propiciou uma série de questionamentos e reivindicações das classes populares em defesas de seus interesses imediatos. Dentre esse quadro de reivindicações sociais, pode-se destacar, então, os protestos antirracistas de negros e negras, a reivindicação feminista, o questionamento da vida cultural burguesa, a defesa da cidade, do ecossistema etc. (NETTO, 2015, p. 187).

Esse cenário de tensionamento social oportunizou condições favoráveis ao questionamento das representações e práticas do Serviço Social, inclusive a do

tradicionalismo da profissão e seus fundamentos. São indicadas como limites profissionais a identificação da

[...] ordem burguesa como limite da história [...]; as instituições e organizações governamentais e o elenco de políticas do Welfare State veem-se em xeque; seu universo ideal, centralizado nos valores pacatos e bucólicos da interação na "sociedade aberta", é infirmado; sua aparente assepsia política, formalizada "tecnicamente", é recusada. Mais decisivo ainda: a sua *eficácia* enquanto intervenção institucional é negada, a partir dos próprios resultados que produz. (NETTO, 2015, p. 187-188, grifos do autor)

Portando, tal ambiente de questionamento no interior da profissão não foi um fenômeno isolado, desarticulado, endógeno. Ao contrário, a singularidade desse processo de mudança do modo de ser da profissão, rompendo com um Serviço Social atrelado a uma ética liberal-burguesa, funcionalista, religiosa, foi determinado por mediações<sup>12</sup> históricas, sociais, culturais etc. Ou seja, um conjunto de determinações e mediações que aquele determinado estágio de acumulação do capital, marcado pelo autoritarismo estatal e da luta de classes, colocaram para o mundo do trabalho, em particular, para o Serviço Social, contribuindo para as suas metamorfoses internas.

Nesse sentido, segundo Netto (2015, p. 188), o estágio social da época procede obviamente de um movimento exterior a profissão. De acordo com o autor, sua conversão em uma ebulição interna deve-se a três fatores diferentes, mas que se relacionam entre si. São eles:

a) A revisão crítica que se processa nas Ciências Sociais, visto que as principais disciplinas sociais com as quais o Serviço Social se fundamentava começam a ser questionadas, com repercussões no campo profissional.

b) A mudança sociopolítica da igreja Católica e em algumas confissões protestantes, mediante a reordenação dos direcionamentos teleológicos para uma

---

<sup>12</sup> A categoria mediação é nuclear na dialética marxista por seu caráter relacional e articulador dos processos sociais. Pontes (2016), em sua obra *Mediação e Serviço Social*, analisa a mediação enquanto uma categoria, logo, em sua dimensão ontológica e reflexiva, com repercussões tanto no plano filosófico, quanto na estrutura teórico-metodológica. Nesta direção, Netto (2009, p.797, grifos do autor) sustenta que [...] uma questão crucial reside em descobrir as *relações* entre os processos ocorrentes nas totalidades constitutivas tomadas na sua diversidade e entre elas e a totalidade inclusiva que é a sociedade burguesa. Tais relações nunca são diretas; elas são *mediadas* não apenas pelos distintos níveis de complexidade, mas, sobretudo, pela estrutura peculiar de cada totalidade. Sem os *sistemas de mediações* (internas e externas) que articulam tais totalidades, a totalidade concreta que é a sociedade burguesa seria uma totalidade *indiferenciada* – e a indiferenciação cancelaria o caráter do concreto, determinado como "unidade do diverso".

abordagem notoriamente anticapitalista e antiburguesa, além de uma maior permeabilidade da alta hierarquia do vaticano para os posicionamentos políticos das camadas populares. Este reordenamento provocou reflexos no Serviço Social, sobretudo na formação profissional e dos fundamentos conceituais.

c) A internalização dos tensionamentos sociais globais pelo movimento estudantil. Em decorrência da pressão estudantil, as alterações anteriormente mencionadas atingiram, sobretudo, as agências de formação, inclusive as de Serviço Social.

Portanto, o Serviço Social em diversos países foi atingindo por essa ebulição social, modificando-se internamente para responder a dinâmica da luta de classes, porém, a forma como essa metamorfose profissional se deu foi diferenciado em cada país.

No Brasil, em particular, a processual erosão do Serviço Social tradicional esteve atrelada, sobretudo, às determinações da autocracia burguesa. Tal relação não se deu de forma proposital ou intencional, ao contrário, a política de governo do Estado ditatorial brasileiro veio a reforçar o tradicionalismo e a subalternidade da profissão, porém, contraditoriamente<sup>13</sup>, a própria reorganização do Estado - agora “racionalizado” sob os interesses do grande capital -, e as modificações da sociedade brasileira - dinamizadas pela criação de um sólido mercado nacional de trabalho, a agudização da questão social infladas pela migração urbana e a ampliação das agências de formação, instaurando a “*inserção do Serviço Social no âmbito universitário*” - colocaram exigências novas que instigaram uma nova forma de ser da profissão, erodindo paulatinamente o tradicionalismo da profissão, que ressalta-se de passagem vinha sendo tacitamente construída desde o início dos anos 1950. É no marco desse processo que se desabrocha a renovação do Serviço Social (NETTO, 2015).

Netto (2015, p, 172) define o que ele chama de renovação do Serviço Social da seguinte forma:

---

<sup>13</sup> A categoria contradição é fundamental na perspectiva teórica-metodológica de Marx, principalmente para o entendimento da realidade enquanto processo, em constante mutação. Segundo Netto (2009, grifos do autor), “[...] a sociedade burguesa é uma *totalidade dinâmica* – seu movimento resulta do caráter *contraditório* de *todas* as totalidades que compõem a totalidade inclusiva e macroscópica. Sem as contradições, as totalidades seriam *totalidades inertes*, mortas – e o que a análise registra é precisamente a sua contínua transformação. A natureza dessas contradições, seus ritmos, as condições de seus limites, controles e soluções dependem da estrutura de cada totalidade – e, novamente, não há fórmulas/formas apriorísticas para determiná-las: também cabe à pesquisa descobri-las.

Entendemos por renovação o conjunto de características novas que, no marco das constrictões da autocracia burguesa, o Serviço Social articulou, à base do rearranjo de suas tradições e da assunção do contributo de tendências do pensamento social contemporâneo, procurando investir-se como instituição de natureza profissional dotada de legitimação prática, através de respostas e demandas sociais e da sua sistematização, e de validação teórica, mediante a remissão às teorias e disciplinas sociais.

Ainda de acordo com Netto (2015, p.177), a renovação do Serviço Social pode ser resumida em quatro aspectos:

- a) instauração do pluralismo teórico, ideológico e político no marco profissional, deslocando uma sólida tradição de monolitismo ideal;
- b) a crescente diferenciação das concepções profissionais (natureza, funções, objeto, objetivos e práticas do Serviço Social), derivada do recurso diversificado a matrizes teórico-metodológicas alternativas, rompendo com o viés de que a profissionalidade implicaria uma homogeneidade (identidade) de visões e de práticas;
- c) a sintonia da polêmica teórico-metodológica profissional com as discussões em curso no conjunto das ciências sociais, inserindo o Serviço Social na interlocução acadêmica e cultural contemporânea como protagonista que tenta cortar com a subalternidade (intelectual) posta por funções meramente executivas;
- d) a constituição de segmentos de vanguarda, sobretudo mas não exclusivamente inseridos na vida acadêmica, voltados para a investigação e pesquisa.

Pode-se apreender das afirmações, portanto, que a moldura do movimento de renovação da profissão, no marco das determinações da autocracia burguesa, como um processo dialético. Isto porque o Serviço Social, internamente, modifica-se para responder às exigências de determinado contexto histórico-social, conformado pelas mediações do desenvolvimento da acumulação capitalista e das tensões sociais dela decorrentes, “modernizando-se”, contraditoriamente, a partir do contato com o pensamento social em voga, seja conservando as determinações da ordem social vigente, seja questionando-a, tendo em vista a sua afirmação crítica e validação perante a sociedade.

Netto (2015), em sua pesquisa, afirma que definida a base de erosão do Serviço Social tradicional, despontaram a partir daí três direções constitutivas do processo de renovação da profissão, quais sejam, a perspectiva modernizadora, a reatualização do conservadorismo e a intenção de ruptura.

A perspectiva modernizadora foi a direção que mais se adensou a massa da categoria profissional. Ela teve seu auge no trânsito da segunda metade dos anos

1960 e a primeira metade dos anos 1970. Caracterizou-se por ser um esforço de adequação, sem nenhuma forma de resistência, ao novo padrão de exigências colocados pelo desenvolvimento das relações capitalistas no marco da autocracia burguesa, socorrendo aos aportes teóricos e metodológicos do estrutural-funcionalismo estadunidense, dando assim um caráter modernizador a profissão em face da concepção tradicional. Destaca-se como documentos sistematizadores desta vertente os textos de Araxá e Teresópolis (NETTO, 2015).

A retração da expressão modernizadora no Serviço Social deu-se, de um lado, pelo seu caráter conservador em face da ditadura, encontrando limites com a parte mais crítica da profissão, e de outro, pelo seu conteúdo reformista, não se aproximando da vertente mais conservadora, de cariz católico, e que portanto, ainda resistia a laicização e a subversão do estatuto de subalternidade assumidos por parte da categoria profissional. Esta perspectiva, denominada de reatualização do conservadorismo, aparece com um verniz de inovação, na medida em que se apoia numa matriz teórico-metodológica tendencialmente irracionalista - seja de cunho cristão ou existencialista -, com forte apelo a aspectos psicologistas, e de profunda inspiração fenomenológica, recuperando, assim, a histórica herança conservadora da profissão. A difusão desta vertente se localiza-se em Universidades do eixo Rio-São Paulo e não ganha uma agenda de debates em torno dos seus fundamentos no interior da profissão. Ela se coloca como uma “terceira via”, opondo-se, sobretudo, a concepção modernizadora, de raiz positivista, e a vertente crítico-dialética apoiada na tradição marxista (NETTO, 2015).

Esta última vertente, de inspiração marxiana, denominada de intenção de ruptura, é a que se propõe a romper com os fundamentos teóricos, metodológicos e ideológicos do Serviço Social tradicional, de orientação conservadora (NETTO, 2015).

Por sua nítida relação com a tradição marxista, e que por isso, em consonância com os objetivos deste trabalho, desenvolveremos essa vertente no próximo tópico.

### **2.2.1 A perspectiva de intenção de ruptura: referências sobre a aproximação com o marxismo**

A perspectiva de intenção de ruptura possui um fato central que as diferencia radicalmente das outras vertentes do processo de renovação, ela, sem dúvidas, possui um forte caráter de oposição a autocracia burguesa (NETTO, 2015, p.316).

O seu desenvolvimento enquanto vertente da renovação do Serviço Social no Brasil relaciona-se com as configurações do contexto sócio-histórico em que se estar imerso. Ou seja, a perspectiva de intenção de ruptura, assim como as outras antes mencionadas, é uma expressão dos processos sociopolíticos, ideoculturais e profissionais vigentes à época, não partindo de vontades subjetivas de determinadas pessoas, senão das próprias relações sociais que se desenrolavam na realidade (NETTO, 2015, p.326).

Netto (2015, p.327) nos atesta que a intenção de ruptura é parte de “uma cilada histórica que peculiariza o Serviço Social entre outras profissões no Brasil”, visto que a categoria profissional dialeticamente responde de forma muito particular ao movimento das classes sociais, recebendo insumos ideológicos, políticos e teóricos que afirmavam a recusa da sua herança conservadora.

Segundo o autor, a perspectiva da intenção de ruptura se ergue sob o alicerce sócio-político expresso do movimento das classes exploradas e subalternas no marco da autocracia burguesa. Em outros termos, a mobilização antiditatorial e anticapitalista no período da renovação colocaram os insumos culturais e políticos que nutriu a vertente profissional que se oporia ao ciclo autocrático brasileiro (NETTO, 2015, p.328).

[...] esta perspectiva [intenção de ruptura] expressa geneticamente, no plano do Serviço Social, as tendências mais democráticas da sociedade brasileira, próprias da década de 1960 - mediadamente o processo de afirmação protagônica da classe operária e seus aliados; imediatamente, as lutas pela recuperação deste processo já sob a ditadura. São estas bases da perspectiva da intenção de ruptura que, em larguíssima medida, condicionam a emergência e o seu desenvolvimento durante o ciclo autocrático: das tendências profissionais renovadoras, ela será a que encontrará os maiores óbices para tomar forma. (NETTO, 2015, p.328)

Portanto, a perspectiva de intenção de ruptura, ao contrário das outras vertentes do período de renovação, não coaduna com os direcionamentos ideológicos e políticos do ciclo ditatorial. Na verdade, ela é uma expressão da categoria profissional ao movimento das classes trabalhadoras e que, por conseguinte, conecta-se explicitamente aos seus interesses, sejam eles antiditatoriais e anticapitalistas. Vale dizer também que devido ao seu intrínseco caráter contestativo, tal perspectiva foi a que encontrou maiores obstáculos ao seu desenvolvimento, na medida em que o seu

desenvolvimento dependia, sem dúvidas, do alargamento das liberdades democráticas.

Conforme Netto (2015, p. 329), só foi na crise da autocracia burguesa, datada da segunda metade da década de 1970 e a partir dos anos 1980, que a vertente de ruptura vai se afirmando e se espraiando na categoria. Ela se legitima na medida em que, dado o processo de exaurimento do ciclo autocrático e conseqüentemente uma maior abertura democrática, compõem aos sistemas organizativos da categoria e se empreendem elaborações intelectuais inovadoras, de raiz crítica, rompendo com um viés teoricista anteriormente predominante.

A renovação do Serviço Social brasileiro possui uma importante relação com o ambiente universitário. De fato, a inserção da profissão na Universidade contribuiu sobremaneira para o processo de renovação da categoria profissional. No entanto, dentre as três vertentes que despontaram daquele processo, a que possui uma convergência central é a de intenção de ruptura (NETTO, 2015, p. 318).

Ressalta-se de passagem que é numa universidade, inclusive, que se localiza a primeira emersão objetiva do projeto de ruptura no Brasil, localizada na Universidade Católica de Minas Gerais, durante os anos de 1972 a 1975, onde se construiu o conhecido “Método Belo Horizonte” ou “Método BH” (NETTO, 2015). Tal método elaborou uma crítica teórica e prática ao assistencialismo da profissão e, de fato, repita-se, configura-se como o pontapé inicial da perspectiva em tela (SANTOS, 1982).

Como a conjuntura militar-fascista colocavam óbices à colagem dos princípios da ruptura à prática profissional estrita, uma vez que não ofereciam quaisquer oportunidades de subversão ao *status quo*, foi na universidade que a perspectiva de ruptura encontrou guarida para seu desenvolvimento, sendo, a princípio, o seu *lócus* privilegiado, inclusive tendo como uma das principais críticas às suas formulações localizada nesta relação fortificada com a academia (NETTO, 2015, p.319).

[...] a refuncionalização da universidade oferecia [...] não só um campo profissional novo (já vimos que só então a carreira docente se põe efetivamente para os assistentes sociais), mas relativamente menos inseguro para o projeto de ruptura. Entendamo-nos: a universidade enquadrada e amordaçada (também já o vimos) nunca foi um território livre; no entanto pelas próprias peculiaridades do espaço acadêmico, este se apresentava como menos adverso que os outros para apostas de rompimento; era comparado aos demais, uma espécie de ponto fulcral na linha de menor resistência. Permitira, se

as condições fossem minimamente favoráveis, na conjugação de pesquisa e extensão, o atendimento de necessidades de elaboração e experimentação - e estas eram absolutamente *imprescindíveis* ao projeto de ruptura. (NETTO, 2015, p.319, grifos do autor)

Desse modo, se, de um lado, a universidade durante a autocracia burguesa encontrava-se em um momento crucial, haja vista que a repressão e o enquadramento proposto pelo governo militar-fascista eram a tônica, por outro, o espaço acadêmico oferecia um ambiente de menor resistência, propiciava aos/às assistentes sociais - diga-se de passagem em um lócus profissional inteiramente novo - o contato não meramente com a dimensão prático-profissional, mas também atividades com pesquisa, extensão, com disciplinas sociais que colocavam em xeque direcionamentos tradicionais. Logo, o projeto de ruptura encontra na universidade um lugar estratégico para a sua constituição enquanto vertente, localizando em determinados momentos históricos a oportunidade para o avançar dos seus propósitos.

Assim, o projeto de ruptura, diferente das outras perspectivas da renovação, propõe um rompimento substancial ao tradicionalismo e seus fundamentos teórico-metodológicos e prático-profissionais. Para tanto, era necessário se socorrer a todo um arcabouço teórico-metodológico diferente, partir de bases inteiramente novas, ante a um corpo profissional saturado de históricas concepções conservadoras, para se fazer alcançar os seus objetivos. Por isso, o contato da categoria profissional com a universidade, com a intelectualidade, com o conjunto das ciências sociais contribuiu consideravelmente para a sua maturação (NETTO, 2015).

Nesse quadro, constata-se durante todo o percurso da perspectiva de intenção de ruptura um movimento de continuidade e mudança dos eixos teórico-metodológicos. É nesse contexto que a *tradição marxista* se inscreve na agenda de debates das/às assistentes sociais brasileiros. O projeto de ruptura se refere, em todo seu processo de desenvolvimento, ao marxismo, porém, numa relação de caminhos e descaminhos, muito atrelada a trajetória de seus personagens principais (NETTO, 2015, p.341, grifos do autor).

José Paulo Netto (2015) diferencia em três momentos a aproximação da profissão com a tradição marxista. No primeiro, tal aproximação se desenvolve por um “viés posto pela militância política”, viciado pelas poucas possibilidades de reflexão teórica e instrumentalizando-se para validação de estratégias e táticas partidárias. Esta primeira aproximação à tradição marxista se faz contaminada pelo empirismo,

apoiada no maoísmo e reduzida a uma corrente epistemologista do marxismo, de fundo estruturalista.

O segundo momento divide-se em duas partes: a primeira, há a predominância do chamado “marxismo acadêmico”, com características de redução epistemologista, neste quadro se “funda um padrão de análise textual da documentação profissional com as dimensões próprias da política e da história refratadas por uma lente paradigmática”; a segunda parte deste momento se relaciona com um contexto conjuntural de transição democrática que recoloca a história e a política como objetos de reflexão, e em detrimento de um marxismo de raiz estruturalista, começam a contemplar a historicidade em suas análises (NETTO, 2015, p.342).

Já o terceiro momento, amadurecido pelo acúmulo que se processou durante os outros dois momentos, busca os principais clássicos do marxismo para fundamentar a sua análise. No entanto, o que se evidencia nesta relação incipiente com a tradição marxista é uma abordagem eclética, muito presente inclusive anteriormente na experiência localizada em Belo Horizonte (NETTO, 2015, p.343).

Então, o que se evidencia diante das análises é uma constância do arsenal marxista nas formulações da perspectiva de ruptura. Mas, esse recurso à tradição marxista não se deu de uniformemente, ao contrário, houve aproximações às formulações de Mao Tsé-Tung - inflados pelas elaborações da militância política -, ao estruturalismo de Louis Althusser, além do entendimento epistemologista do marxismo, “o marxismo acadêmico”. Verifica-se que as elaborações se restringiam ao espaço acadêmico, sem ainda difusão entre o corpo profissional.

Consuelo Quiroga (1991), por seu turno, nos diz que, naquele lapso temporal, a aproximação do Serviço Social que se deu não foi ao marxismo, mas aos “marxismos”, principalmente a “um marxismo sem Marx” ou a um “Marx reinterpretado” - o mais perto que se chegou das obras do pensador alemão foram dos seus textos políticos. Tal aproximação, portanto, não foi realizada por um debruçamento sobre as ideias do próprio do Marx, mas por intérpretes, sejam eles em nível internacional - Antonio Gramsci, Karel Kosik e Bachelard -, como em nível nacional, com proximidade ao Serviço Social - Marilda Vilela Iamamoto e Miriam Limoeiro Cardoso. Conforme a autora, o estruturalismo de Louis Althusser<sup>14</sup> foi o que teve mais influência na

---

<sup>14</sup> “Entre os desdobramentos da leitura de Marx feita por Althusser, aponto, apenas uma repercussão desta que, reduzindo a proposição marxiana, rebateu no Serviço Social. Trata-se da separação feita

formação das docentes e assistentes sociais, como no todo das ciências sociais no Brasil. Isto demonstra um lastro eclético com que esta aproximação se realizou, além da presença de um marxismo distorcido, com uma nítida invasão do positivista, sobrevalorizando determinadas categorias em detrimento de outras. Disso decorre uma abordagem teórica marcada pelo fatalismo, voluntarismo e cientificismo.

Uma abordagem fatalista diz respeito a supervalorização da determinação econômica, desdobrando-se em uma noção mecânica da realidade. É como se a forma de produção material estabelecida reflita de forma direta na superestrutura, na consciência social, em detrimento de uma noção dialética da realidade, como processo, da identificação de sujeitos enquanto pessoas históricas. Inclusive tal abordagem fatalista nasce de um esforço de superar o voluntarismo (QUIROGA, 1991).

Esta última abordagem - voluntarista-, por seu turno, desprivilegia os fatores econômicos e favorece os fatores não-econômicos enquanto determinantes da história. Em outros termos, considera-se a consciência e a vontade de determinados sujeitos enquanto vetores fundamentais de formatação do real. Tal visão se baseia no humanismo de Paulo Freire e apresenta-se como uma continuidade da visão humanista predominante historicamente no seio do Serviço Social, mas antes plasmadas por concepções conservadoras (QUIROGA, 1991).

A visão cientificista do marxismo desemboca para uma redução de tal teoria social no que diz respeito a contribuição epistemológica. Verifica-se uma relação dialética entre sujeito e objeto na construção do conhecimento, sem, entretanto, identificar a mediação desse conhecimento construído com a transformação social. Esta distorção advém de uma preocupação com o “pensar sobre sociedade”, de um embate à ideologia dominante. Isto adquire protuberância no corpo profissional principalmente pela categoria, historicamente, ensejar uma prática instrumentalizadora (QUIROGA, 1991).

De fato, a maioria intelectual do projeto de intenção ruptura no Brasil vem com a reflexão de Marilda Vilela Iamamoto. Tal reflexão se baseia no resgate das fontes originais do próprio Marx. É o momento da consolidação teórico-crítica da

---

por ele com relação à obra de Marx - os primeiros escritos, considerados filosóficos, contemplando a condição humana como geradora de seu próprio destino e os escritos que ele considerava da maturidade de Marx expressando sua proposição científica, baseada num entendimento mais estrutural da sociedade e sobrevalorizando a determinação econômica.” (QUIROGA, 1991, p.101)

perspectiva em debate, seja no meio universitário, seja para seu alastramento para além das fronteiras universitárias. Ela possui uma forte influência no seio dos/as assistentes sociais brasileiros/as (NETTO, 2015).

Iamamoto insere no debate do projeto de ruptura o *Serviço Social como inscrito nas relações sociais*, como um reprodutor destas, como sendo uma expressão da dinâmica das classes e da forma contraditória que lhes é intrínseca; ou seja, o Serviço Social como uma especialização do trabalho coletivo, como um elemento partícipe da totalidade social, em detrimento de um entendimento endógeno da profissão.

Segundo a orientação teórico-metodológica anteriormente expressa [marxista], trata-se de esforço de captar *o significado social dessa profissão na sociedade capitalista*, situando-a como um dos elementos da reprodução das relações de classe e do relacionamento contraditório entre elas. Nesse sentido, efetua-se de *compreender a profissão* historicamente situada, configurada como um tipo de especialização do trabalho coletivo dentro da divisão social do trabalho peculiar à sociedade industrial. (IAMAMOTO; CARVALHO, 2014, p.77, grifos do autor).

Sobre esta reflexão de Iamamoto, Netto (2015, p.381) nos afirma que a riqueza e originalidade da sua análise reside do seu posicionamento teórico-metodológico, da “angulação extraída com fidelidade de Marx”. De acordo com o autor, a

[...] essencialidade da contribuição de Iamamoto: ela consiste no primeiro tratamento rigoroso do Serviço Social, no interior da reflexão brasileira, que apreende a instituição profissional na perspectiva teórico-metodológica crítico-dialética haurida a partir de um trabalho sistemático sobre a fonte marxiana; e mais: as resultantes desta apreensão, pela sua natureza, infletem os rumos do debate profissional, qualificando-o teórica e politicamente. Neste sentido é que se pode afirmar que, com a elaboração de Iamamoto, a vertente da intenção de ruptura se consolida no plano teórico-crítico. (NETTO, 2015, p.382)

Logo, a reflexão de Iamamoto configura-se como o ponto alto da qualificação teórica da intenção de ruptura, demonstra a profícua interlocução com as formulações originais do próprio Marx.

Conforme Netto (2015, p.383), a aproximação do Serviço Social com a proposta teórico-metodológica de Marx e a tradição dela decorrente propiciou um enriquecimento do debate teórico no universo profissional, de tal sorte que a partir do projeto de ruptura houve incremento de um “elenco de núcleos temáticos e propostas críticos-analíticas que o tornaram contemporâneo das polêmicas e alternativas do universo cultural mais avançado da área das ciências sociais”.

Este avanço crítico analítico do Serviço Social, a partir da aproximação ao marxismo, pôde contribuir para uma proposta de desvelamento dimensão abstrata da realidade, possibilitou uma formação e trabalho profissional que identifique nos seus propósitos os interesses das classes trabalhadoras e assim possa construir estratégias teórica, ética, política e prático-profissionais junto com os sujeitos alvos prioritários da ação profissional.

### **3 REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DA APROPRIAÇÃO DO MÉTODO DIALÉTICO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO**

Este capítulo é dedicado a análise e interpretação dos dados coletados por intermédio do grupo focal, realizado com estudantes em processo de execução do projeto de intervenção em seus respectivos estágios. O objetivo do estudo, como já supramencionado, buscou compreender a apropriação do método dialético por parte das alunas<sup>15</sup> de Serviço Social da UFBA matriculadas na disciplina obrigatória de Estágio Supervisionado em Serviço Social III; bem como elas percebem a influência/importância de tal método para a instrumentalidade profissional.

A exposição foi feita a partir do estabelecimento de temas que apareceram com mais frequência durante o desenvolvimento do grupo focal e que são consonantes com os fundamentos do método dialético e, por conseguinte, com o objetivo deste trabalho. São eles:

- a) relação teoria-prática;
- b) totalidade das relações sociais;
- c) compromisso com o atendimento das necessidades dos/as usuários/as;
- d) crítica ao conservadorismo;

Os dados coletados foram problematizados à luz do referencial teórico exposto nos capítulos anteriores, produzindo reflexões que serão apresentadas a seguir:

#### **3.1 RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA**

O ponto de partida teórico-metodológico da perspectiva marxiana é materialidade da história. Isso quer dizer que numa abordagem dialética e materialista do real, deve-se partir de como a pessoa humana trabalha, produz, consome, come, se veste, se relaciona etc. para depois reproduzir idealmente o objeto de investigação ou intervenção. Em outras palavras, o processo de elaboração teórica, nessa perspectiva, procura ser totalmente fiel ao objeto, busca reproduzir na mente a forma com a qual se expressa o objeto na realidade. Isto pode ser evidenciado na seguinte passagem:

---

<sup>15</sup> O corpo discente neste capítulo será referido somente pelo gênero feminino, em decorrência da presença de somente estudantes mulheres no grupo de discussão, resultado da sua predominância no Curso de Serviço Social da UFBA.

[...] primeiro pressuposto de toda a existência humana, e portanto de toda a história, ou seja, o de que todos os homens devem ter condições de viver para poder 'fazer a história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo beber, comer, morar, vestir-se e algumas outras coisas mais. *O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material*; e isso mesmo constitui um fato histórico, uma condição fundamental de toda a história que se deve, ainda hoje como há milhares de anos, preencher dia a dia, hora a hora, simplesmente para manter os homens com vida. (MARX; ENGELS, 1998, p.21, grifos meus)

O constructo teórico<sup>16</sup> a partir da seguinte análise parte da materialidade da vida, da atividade do indivíduo em sociedade, da prática social. Feito esse processo de reflexão teórica, a teoria volta aos fatos cotidianos numa nova condição, rica de determinações e relações, potencialmente transformadora.

Teoria é a apreensão das determinações que constituem o concreto e prática é o processo de constituição desse concreto; teoria é a forma de atingir, pelo pensamento, a totalidade, é a expressão do universal, ao mesmo tempo que culmina no singular e no universal. É através da teoria que se pode desvendar a importância e o significado da prática social, ou seja, ela é o movimento pelo qual o singular atinge o universal e deste volta ao singular. A prática é constitutiva e constituinte das determinações do objeto; gera produtos que constituem o mundo real; não se confunde, portanto, com a teoria, mas pode ser o espaço de sua elaboração. Nesse caso, ela só se transforma em teoria se o sujeito refleti-la teoricamente. (SANTOS, 2006, p.134)

Por isso, a teoria não “constrói” a prática, uma vez que esse objeto possui uma existência anterior a ela; há uma primazia do objeto em relação ao sujeito. A teoria, em suma, é um instrumento que possibilita analisar o real, identificar as determinações, as mediações, que particulariza os processos sociais, com o intuito de modificá-los.

A vigorosa possibilidade que se oportuniza no seu processo de formação profissional, a partir do estágio, de se correlacionar teoria e prática, foi descrita por uma parte das entrevistadas durante o diálogo construído na pesquisa, não numa perspectiva dicotômica, mas com o entendimento de que os aportes teóricos

---

<sup>16</sup> Ressalta-se que o real, nessa ótica, está em constante mutação, é sempre processo, está saturado de contradições. Em decorrência do imanente movimento do objeto, a construção teórica do ser humano nunca será completamente fidedigna ao que ele investiga. Portanto, a captação teórica, a edificação do conhecimento se realiza por aproximações sucessivas, nunca esgotando os múltiplos processos da realidade. (PONTES, 2016)

estudados durante o curso são fundamentais para o desnudar dos fatos cotidianos, vivenciados durante a experiência de estágio, contribuindo, assim, para o empreendimento de estratégias de intervenção críticas e propositivas. O seguinte depoimento de uma entrevistada ilustra o que estou dizendo:

[...] eu acho que logo quando cheguei teoria e prática fiquei aqui pensando foi logo o que me chamou atenção de imediato, porque eu acho que tive muito... não sei se a palavra correta seria angústia, mas essa inquietação né, quando você entra no Curso de Serviço Social a gente se depara com toda uma teoria e a gente hoje no campo de estágio fica se perguntando de fato, se realmente essa dá um embasamento para esse trabalho profissional, para essa prática cotidiana, e aí quando eu cheguei no estágio tive muito essa ânsia de observar se de fato era possível durante esses três semestres, dentro do espaço no qual eu estou inserida no campo de estágio. Acho que foi possível identificar, e a teoria me ajudou de diversas formas nesse sentido para fazer algumas leituras, inclusive meu projeto de intervenção, porque eu estou numa instituição que ela é privada e houve diversas mudanças nesse processo, diversas demissões de funcionários, o Serviço Social foi ganhando outra forma, e assim, nesse primeiro momento acho que você começa esse processo de caracterização, *que na verdade não é por acaso que a gente caracteriza a instituição, a gente observa as demandas que chega das expressões da questão social e isso aí na verdade é uma teoria que nos implica que deve ser feito dessa forma, e aí quando chega no projeto de intervenção a gente compreende se realmente não foi feito dessa forma esse projeto no final ele sai vazio, né?* (grifos meus)

Logo, verifica-se, com a fala descrita, como o referencial teórico consubstanciou a construção do projeto de intervenção, a partir de uma análise dos processos sociais que se particularizam naquele cotidiano profissional. As atividades de caracterização da instituição, de identificação das demandas, necessidades, dos usuários, da análise das expressões da questão social, demonstram o potencial heurístico quando se nutre, de forma profícua, dos substratos teóricos erigidos pela categoria profissional.

Por outro lado, em um certo momento na discussão do grupo focal, por parte de determinadas estudantes, emergiu a discussão acerca de um certo “romantismo” presente na formação profissional. Tal “romantismo” pode ser relacionado como uma forma voluntarista de entender os desafios profissionais, como analisamos no capítulo precedente a partir de Quiroga (1991). Essa forma de compreender a profissão, seria, nesse sentido, uma sobrevalorização de vontades subjetivas dos/as profissionais e estudantes, desconsiderando as mediações econômicas, culturais, políticas e ideológicas que condicionam o ser social.

A crítica das estudantes deriva do entendimento de que a miríade de valores éticos-profissionais que visam a construção de uma nova ordem social e do compromisso com as classes populares etc., seriam valores utópicos, que somente a vontade subjetiva não poderia aplicá-los na prática cotidiana dos/as assistentes sociais.

O estágio supervisionado seria, nessa ótica, o contato com a dimensão técnico-operativa da profissão, a relação com o trabalho de assistentes sociais inseridas em instituições que exigem ações burocratizantes, rotineiras e aligeiradas. Tal contato com a “realidade” profissional serviria para uma “desromantização” da profissão. Segue esse entendimento pelo depoimento de uma estudante:

O estágio é um processo que **desromantiza** muito o curso, muda muito a nossa visão assim, do que é o Serviço Social e do que é essa teoria muito bonita que a gente estuda e que é muito difícil operacionaliza isso na prática assim, porque tem outras questões, tem a questão da instituição, tem a questão da gestão, tem essa questão de entender que o Serviço Social é o coração, principalmente no hospital né, tem muito isso que o serviço social é o coração daquele lugar, então tudo o serviço social resolve e resolve de qualquer jeito, e é o serviço social que resolve com médico, e é serviço social que resolve comida, e é o serviço social que faz tudo menos o que é o serviço social, menos que é garantir direito, menos exercitar essa questão de você ensinar e conseguir dialogar e construir o conhecimento com o usuário de que aquilo que ele tá acessando é direito dele. (grifos meus)

Uma análise sobre a “romantização” da formação profissional requer uma investigação de maior profundidade. No entanto, podemos apontar duas diretrizes para pensarmos essa questão.

a) Pode-se ser levado em conta uma apreensão enviesada entre direcionamentos teórico-metodológicos trabalhados durante a graduação e a forma pela qual essa estudante apreendeu tais direcionamentos, contribuindo para o entendimento de que *na prática a teoria é outra*.

b) Ou também pode ser levantado como uma questão a se investigar a forma voluntarista de transmissão dos valores ético-políticos e das elaborações teórico-metodológicos e técnico-operativas por algumas professoras do quadro docente do curso.

c) Por fim, destaca-se como possibilidade de investigação a própria estruturação da questão do estágio no Curso de Serviço Social da UFBA, sobretudo, a parte do currículo, do ensino e a própria relação do Curso com os campos de estágio.

### 3.2 TOTALIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Como exposto nos capítulos precedentes, segundo os autores estudados, a categoria totalidade é central no método dialético, de tal sorte que possibilita uma análise de encontro a uma visão que enxerga a realidade como uma soma de partes autônomas, como fragmentos, desistoricizada, típico de uma abordagem positivista. Na verdade, sob esta angulação, a investigação do real enseja a sua identificação como um todo conectado, complexo, dinâmico. Os fatos da vida são relações, atos em sociedade. As determinações universais, singularizam-se e vice-versa, configurando-se como um campo de mediações, como uma particularidade.

A *totalidade* está em constante mutação, ela é multiplamente articulada com totalidades parciais. Oportunizam-se, nessa ótica, uma visão totalizante das relações sociais, não se contentando com uma visão imediata e aparente da realidade, mas buscando uma conexão com a essencialidade dos processos. Este tipo de visão apareceu com frequência durante o desenvolvimento do trabalho de campo. As estudantes expuseram uma preocupação com uma análise teórica do cotidiano do estágio, buscando conectar aquele cotidiano com o atual contexto sócio-histórico, identificando que essas análises foram fundamentais para a construção do projeto de intervenção.

Porque o que acontece, a gente chega nesse espaço, a gente primeiro tem que verificar é... quais os processos de trabalho nos quais estamos inseridos, quais as possibilidades, quais as relações de força, é uma instituição pública ou uma instituição privada? Quais são de fato as expressões da questão social que chegam ali, que tem a necessidade de intervir, não é algo que vai surgir da minha mente, “ah porque eu acho bonitinho fazer uma roda de conversa, porque eu acho bonitinho fazer uma oficina, então é isso que vou fazer”, mas na verdade que de fato, é... o que esses usuários apresentam como demanda e pensando no contexto da instituição o que de fato pode ser exercido, quais as condições de trabalho que me oferecem pra executar esse projeto de intervenção.

Percebe-se, então, na fala da estudante a sua preocupação com uma análise da conjuntura daquele espaço sócio-ocupacional. Ela cita a necessidade de identificar a forma como aquele espaço se estrutura, captando as relações de forças presentes, a forma jurídica da instituição, as demandas trazidas pelos/as usuários/as. Nesse sentido, o reconhecimento dessas determinações se faz importante na medida em que se amplia a perspectiva de atuação do Serviço Social, define-se os limites, as possibilidades e os desafios da profissão, podendo, assim, construir uma intervenção que vá ao encontro das necessidades dos/as usuários/as.

Para além disso, a reflexão da entrevistada sobre o trabalho profissional afasta-se de uma concepção idealista e abstrata. Isto é, o seu entendimento sobre a intervenção não parte do que imaginam ou pensam que se devem fazer, sem uma análise de como as demandas profissionais surgem no trabalho profissional. Na verdade, é uma intervenção parametrada pelas demandas socioprofissionais que aparecem no cotidiano de estágio.

Essa visão da realidade como um campo de mediações, como uma totalidade articulada, pode ser constatada, também, num diálogo travado no grupo focal acerca da precarização trabalho das assistentes sociais fiscais do Conselho Regional de Serviço Social da Bahia (CRESS-BA) e como isso obstaculizava o acompanhamento de trabalhos que vão de encontro à ética profissional.

[...] eu acho que é um pouco complicado isso, um pouco complexo, porque tem a ver com o contexto político que nós passamos né. *Então, parece que tem dois fiscais para a Bahia toda, vários campos de estágio para dar conta, várias denúncias de vários estudantes. Então, isso está intrínseco com o contexto que nós estamos, de esconder mesmo, de esvaziar o movimento político né, dos trabalhadores, da classe operária, então não é só um olhar concreto em cima, é, por exemplo, se inserir nos movimentos sociais, nas greves. Então tem a ver o contexto que nós estamos, do nosso próprio país. Com relação ao estágio, eu acho que seguir o caminho inverso de algumas, porque eu olho o meu estágio como uma caminhada realmente de conseguir associar a teoria com a prática, de conseguir ver, compreender as desigualdades sociais, a partir do que eu realizava dentro do hospital* [...] o trabalho do assistente social na área de infectologia é de aconselhamento, orientação pra os pacientes que tem HIV, então com

a rotina que tem, a rotina de fazer entrevistas, só encaminhamento, preencher documento, só ligação, então a gente acaba despercebendo, "poxa, o que eu to fazendo aqui no momento, qual ta sendo o resultado, será que realmente eu to fazendo o trabalho do assistente social?" então eu vi diversas vezes eu me perguntando sobre isso, "será mesmo que to desempenhando o trabalho do Serviço Social, se que realmente o trabalho do Serviço Social é fazer encaminhamento?" E... acho interessante porque na construção do meu projeto de intervenção, caiu uma ficha minha, eu tinha lido um texto, não lembro que texto, mas caiu uma ficha minha de que eu olhava aquilo tudo né, que *justamente olhar a relação do capital com a sociedade a partir do viés econômico somente, mas compreender que a sociedade capitalista ela não só tem viés econômico, ela tem o viés ideológico, ela tem o viés cultural, e as expressões da questão social, elas se dão também nisso né, através da violência, através do preconceito, da discriminação, então eu tive que desmitificar isso para entender o que eu estava fazendo ali dentro.* Quando eu presto orientação sobre o preconceito, quando eu presto orientação acerca do que é o MP né, através da rede de atendimento, eu to orientando sobre direitos né, eu to dando àquele usuário acesso a informação, acesso a direitos que talvez ele não tem acesso. Então, no meu estágio foi uma caminhada de... e ainda é uma jornada de compreender o que é o trabalho do Serviço Social (grifos meus)

Nesse depoimento é perceptível uma visão de totalidade das relações sociais. Em sua reflexão acerca do trabalho de fiscalização do CRESS, a entrevistada relaciona tal fato com o contexto sócio-político do país, destacando o número reduzido de profissionais e a retração dos movimentos sociais como obstáculos para se pensar o fazer profissional crítico. Nesse mesmo bojo, a aluna identifica como enfrentamento a esse contexto limitante, a resistência e o tensionamento de classe.

Portanto, a categoria totalidade aparece implícita ao seu discurso, mas não uma totalidade amorfa e indiferenciada, como nos alerta Netto (2009), e sim como uma totalidade articulada, possibilitando a compreensão daquela particularidade de trabalho mediada por relações sociais fetichizadas, por uma sociabilidade estruturada por desigualdades diversas.

Nesse discurso destaca-se, ainda, o entendimento de uma instrumentalidade como mediação (GUERRA, 2007), ou seja, a compreensão de um fazer profissional atrelado à totalidade histórica, ou seja, relacionado não apenas, como a entrevistada diz, ao “viés econômico”, mas através de mediações culturais, políticas, ideológicas etc., buscando romper com um trabalho profissional afeito a imediaticidade dos fatos.

Percebe-se, nesse sentido, um entendimento implícito aos fundamentos do materialismo histórico-dialético. Não houve por parte das estudantes uma explicação sobre o que é a categoria totalidade, mas houve visivelmente uma preocupação de analisar o seu cotidiano de estágio conectado com o contexto sócio-histórico. Nessa perspectiva, uma estudante destacou a importância da leitura da obra de Marilda Lamamoto como aporte para uma leitura da realidade.

Então, isso é muito importante porque eu vivi um momento muito turbulento que me trouxe na parte técnico-operativa algumas dimensões que ficaram um pouco fragilizadas, mas a própria aproximação que eu tive ao longo do curso com a perspectiva de Lamamoto, que ela faz essa divisão de como a gente deve analisar o trabalho do assistente social, isso me identificou, isso me ajudou na verdade a fazer uma leitura de uma forma mais ampla, mais aprofundada na instituição na qual eu estou, e aí quando chegou esse processo mesmo de projeto de intervenção eu tentei seguir um pouco, de fato, esse fluxo, quais são as expressões da questão social, o que que tá mais latente nesse momento.

Isto demonstra que a fidelidade à obra de Marx com qual a referida autora trabalha, e a influência do seu constructo teórico no meio acadêmico-profissional. Mais do que isso, sua elaboração teórica permite um entendimento fiel aos fundamentos do método dialético, possibilita uma apreensão da realidade a partir da totalidade das relações sociais e relação de tal apreensão com a delimitação do objeto de intervenção.

### 3.3 COMPROMISSO COM O ATENDIMENTO DAS NECESSIDADES DOS/AS USUÁRIOS/AS

A perspectiva teórico-metodológica de Marx se coloca, sem dúvidas, sob os interesses dos/as trabalhadores/as, numa perspectiva crítica às relações sociais burguesas. É uma elaboração teórica que visa, no limite, a supressão da propriedade privada e a construção do comunismo.

O Serviço Social, a partir da sua aproximação com a perspectiva crítico-dialética e o decorrente acúmulo teórico-prático, buscou colocar o seu saber profissional sob a perspectiva das classes trabalhadoras, primordialmente demandatárias da atuação profissional. Hoje, de acordo com a deontologia profissional, é um princípio fundamental a construção de um projeto profissional mediado com a edificação de uma nova ordem societária, sem exploração e dominação de classe, etnia e gênero, além do compromisso com a qualidade do serviço prestado à população usuária, tendo em vista a competência profissional.<sup>17</sup>

Nesse sentido, mostrou-se presente em toda a discussão do grupo focal a preocupação em construir uma intervenção consoante às demandas da população usuária. Ou seja, de acordo com os relatos apresentados, os projetos de intervenção predominantemente buscavam desenvolver ações socioeducativas de democratização da informação, construindo estratégias de acesso às variadas políticas públicas, sejam elas da educação, saúde ou de qualificação profissional. Isto pode ser observado no seguinte depoimento:

[...] o meu projeto de intervenção será uma exposição [...] para alunos que vão prestar pré-vestibular, na verdade era um projeto maior, mas não aconteceu, mas minha base foi porque bem... nós enquanto assistente sociais uma das nossas contribuições é passar informação, uma das coisas que funda a categoria, e pra mim é muito urgente que pessoas negras e pobres tenham acesso a informações [...] o porquê que as cotas existem [...] e é uma compreensão que a gente [...]no estágio... e a construção do meu projeto foi justamente pra que eu possa passar informações para pessoas que, em tese, não tenham acesso a essas informações.

No depoimento anterior visualiza-se a preocupação da estudante com a democratização das informações, com o intuito de ampliar o acesso de pessoas negras e pobres às políticas públicas. Nesse sentido, é notório na estudante uma preocupação com o desenvolvimento de uma práxis profissional sobretudo ética, com vistas a garantia de direitos sociais. Esta concepção sobre a prática profissional evidencia-se também na citação que se segue:

E aí o que estava mais latente no período de estágio que eu tava na época era justamente porque o hospital tinha perdido vínculo com o SUS, e os pacientes ao longo de muitos anos eles eram atendidos em

---

<sup>17</sup> Para uma apropriação dos valores éticos-profissionais, ver o Código de Ética do/a Assistente Social (1993).

caráter SUS na instituição, passaram a não ser mais. Esses pacientes chegavam “e agora a gente vai ser atendido aonde? E agora como é que a gente faz?” e eu tava também na unidade de hemodiálise e foi uma demanda que foi chegando. Então, surgiu a necessidade de mapear essa rede, de conhecer melhor essa rede, pra democratizar para esses...para esses...usuários as informações mais concretas. [...] foi justamente o que me fez essa questão de não ser fatalista, a gente tem uma autonomia, ela não é absoluta, ela é relativa, de fato, principalmente numa instituição privada porque no trabalho ali seu emprego está em jogo e isso foi muito presente no hospital porque tinha havido muitas demissões de assistentes sociais, e as outras assistentes sociais estavam com medo também de serem as próximas né. Então, mas pensar, a gente tem um compromisso com esse usuário, eu posso ser demitida, mas também tenho um compromisso ético e eu preciso de alguma forma ultrapassar os limites que essa instituição está impondo e de alguma forma dar a possibilidade para esses usuários acessar a rede de saúde. Aí foi nessa perspectiva, um pouco, que esse meu projeto se desenvolveu né.

Esse depoimento denota uma crítica a enviesamentos teóricos sobre o trabalho profissional. Nesse espectro, o/a estudante recusa uma abordagem fatalista<sup>18</sup>, que entende a materialidade da vida como um todo mecânico, sobrevalorizando a determinação econômica e desvalorizando o desenvolvimento de uma intervenção crítica e transformadora na realidade.

Para além disso, a supramencionada citação demonstra, de fato, o compromisso de sua intervenção com a população usuária, com a qualidade do serviço prestado, mas, antes de tudo, denota uma perspectiva crítica de uma teoria que permite uma compreensão das relações sociais em sua totalidade, possibilitando a construção de um projeto de intervenção que atenda às demandas dos/as usuários/as, que se coloque sob a perspectiva da classe trabalhadora.

### 3.4 CRÍTICA AO CONSERVADORISMO

Houve uma predominância nas discussões travadas no grupo focal de uma substancial crítica ao conservadorismo profissional. A criticidade e a necessidade de embasamento teórico para uma leitura da realidade foram uma das principais demandas postas durante a discussão. O questionamento à uma atuação profissional rotineira e imediatista deram a tônica no grupo focal.

---

<sup>18</sup> Abordagem tratada no capítulo anterior sob a ótica de Quiroga (1991).

[...] primeiro porque o hospital é um hospital psiquiátrico e ainda atua numa lógica muito conservadora como um todo na política de saúde mental e, assim, o papel que as assistentes sociais desempenham lá vai muito desse processo conservador assim, é... acho que tá mais relacionado pela falta de aprofundamento teórico e de colocar essa teoria no campo de prática das assistentes sociais, que tem função de secretária lá, de fazer receita, de resolver demanda, e que chega e que tá posta e elas resolvem sem o processo de analisar aquilo criticamente, sem o processo de sentar e dialogar com o usuário, que já perpassa a questão né de usuário de saúde mental ter uma autonomia quase que inexistente, então as assistentes sociais elas por vezes tem que fazer a resposta muito que imediata, sem fazer o processo de analisar.

Evidencia-se a partir da fala, por conseguinte, a relação construída entre a atuação conservadora e a falta de um aporte teórico para a leitura da realidade. É ressaltado, nesse sentido, que a atividade rotineira, imediatista, fazendo, muitas vezes, “a função de secretária”, e que não identifica, portanto, o significado social da profissão naquele espaço sócio-ocupacional. Isto, segundo a estudante, é decorrente de uma “dicotomia teoria-prática”.

Todo o amadurecimento profissional experimentado a partir da interlocução com a tradição marxista, propiciados pelo período de renovação profissional, e que se consubstanciou em uma nova imagem da profissão, consolidada no projeto ético-político profissional, é presente no discurso expresso pelas estudantes durante o grupo focal. Os objetivos da construção dos projetos de intervenção partiam sempre de uma preocupação em romper com um trabalho meramente instrumental e da intencionalidade em construir um trabalho profissional crítico, emergido de reflexões sobre a realidade. Isto pode ser visto no próximo depoimento.

Aí meu projeto de intervenção veio muito nesse sentido de é..., de construir junto com o usuário é... de como ele é um ser carregado de direitos e que ele precisa tomar é... tomar controle daquilo né, de que ele não uma pessoa sem autonomia e de que a instituição não pode passar por cima das necessidades outras do usuário, que ele não é só usuário que precisa de remédio pra ficar “babando em casa”. Ele tem potencialidades, tem outras questões, e aí pra minha surpresa não tive muito empecilho das assistentes sociais pra execução do projeto, o que coloca pra mim essa questão contraditória: que elas agem dessa forma. mas não necessariamente elas são conservadoras e acham que aquilo é o melhor jeito, mas talvez porque é aquilo do...tá assim, é assim... uma coisa mais fatalista, sem conseguir...

Portanto, este último depoimento ilustra a criticidade presente durante o debate entre as estudantes. Isto demonstra uma compressão tácita dos fundamentos do método dialético, demonstra, sobretudo, um entendimento de que a construção de uma consciência crítica junto com a população usuária é fundamental para quem intenta uma transformação social.

É relatado no depoimento anterior uma surpresa: a fácil aceitação por parte dos/as assistentes sociais do projeto de intervenção proposto pela estudante. Isto gerou hipóteses sobre o perfil e trabalho das assistentes sociais, isto é, muitas vezes, o trabalho profissional não parte de uma vontade subjetiva das assistentes sociais, mas de inserção acrítica na teia das relações de trabalho fetichizadas, denotando uma abordagem fatalista do fazer do Serviço Social. Uma análise aprofundada sobre a problemática em debate requer uma investigação.

Todavia, as estudantes relatam os óbices presentes no cotidiano de estágio para o empreendimento de uma ação crítica e transformadora. Segundo elas, o “peso” de uma gestão que exige uma postura produtivista e imediatistas ainda colocam limites de atuação profissional ao encontro do projeto profissional.

Então, o que eu percebi dentro da instituição e que acho bem difícil, é que mesmo ela tendo todos esses avanços na legislação de trabalho, trabalhando menos, são funcionárias efetivas, federais, tem outro patamar mesmo salarial, de estilo de vida, diferentes de outras assistentes sociais. O que eu percebi realmente é a dificuldade de comunicação entre elas. E o que eu percebi de mais latente, nessa experiência de estágio, e que a teoria-prática tem tudo a ver, é o peso da instituição, da gestão, sob o trabalho do Serviço Social, quando a gestão não compreende o fazer do Serviço Social e o quanto isso pesa no fazer diário do Serviço Social, isso se torna uma luta, uma demanda diária do profissional do Serviço Social essa briga pra se restabelecer na instituição, então é isso que eu faço!

Essa dificuldade descrita pela estudante de se promover uma atuação profissional de forma crítica e transformadora relaciona-se com a predominância da razão forma-abstrata no âmbito dos serviços sociais, que necessita de profissionais especializados para tais serviços, dentre os quais, as assistentes sociais, como ressaltado por Guerra (2010). Nesse sentido, mais do que nunca, a competência teórica, haurida pelos fundamentos do marxismo pode desvelar as expressões fenomênicas no âmbito das instituições, possibilitando o redirecionamento do trabalho profissional a favor dos interesses das classes populares.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto neste trabalho, a partir da aproximação do Serviço Social com perspectiva teórico-metodológica crítico-dialética, houve um acúmulo profissional do ponto de vista teórico, ético e prático. Este processo de aproximação se desenrolou de maneira complexa e contraditória. Se de um lado, vislumbrava-se um rompimento total com o tradicionalismo profissional e a ampliação das liberdades democráticas, como apontaram Santos (1982) e Netto (2015); de outro, as forças conservadoras da profissão, com um verniz de modernização, atuavam com o intuito de revigorar o governo autocrático e aliar a proposta de atuação profissional com tal revigoramento.

Como a história mostrou, a elaboração teórico-crítica do projeto de ruptura se espalhou pela categoria profissional, consubstanciando-se no projeto ético-político profissional. Hoje, é um dever ético da profissão um compromisso com os interesses das classes trabalhadoras, a construção de um projeto profissional mediado com a edificação de uma nova ordem social, além do comprometimento pela construção diária de ampliação das liberdades democráticas.

O referido amadurecimento profissional se deita sob uma angulação teórico-metodológica que possibilita uma leitura da realidade do ponto de vista da totalidade, identificando as relações, mediações, particularizando as determinações do real; uma perspectiva teórica que se coloca sob os interesses das classes subalternas. Ao contrário do que a ideologia dominante apregoa, a conclusão que tiro deste trabalho é a pujança heurística propiciada pelo materialismo histórico-dialético, que não se contenta com a aparência fenomênica do concreto, próprios das relações sociais fetichizadas, mas que se desenvolve do imediato ao mediato, em busca da essência, chegando a “determinações cada vez mais simples”.

Hoje, esta perspectiva de leitura da realidade se faz importante, uma vez que permite o desvelamento dos fenômenos próprios da complexidade do capitalismo contemporâneo. Mota e Amaral (2016, p.31) apontam que nesse contexto

[...] a duradoura ofensiva do pensamento burguês no que se refere a fragmentação e à fetichização da vida social, por um lado, e à reatualização das práticas e ideologias conservadoras, necessárias à reprodução do capitalismo contemporâneo, por outro, produziram um brutal esvaziamento da compreensão crítica da sociedade, mediante o estímulo a análises superficiais da realidade e à necessidade de dar respostas imediatas, de efeito “útil” ou prático a estes.

Portanto, a própria conjuntura sócio-histórica estimula um pensamento sobre a sociedade acrítico, afeito a “fragmentação e à fetichização da vida social”. Segundo Iamamoto (2018, grifos da autora), em tempos atuais, está presente a crise do capital, a mundialização, a diminuição do emprego, resultado *sin ne qua non* da acumulação do capital; as políticas públicas apresentam-se mediante *as diretrizes de focalização, privatização, descentralização, desfinanciamento e regressão do legado dos direitos do trabalho*.

Na cadência da história, novos desafios se apresentam na interlocução entre marxismo e Serviço Social. Por um lado, decifrar o cenário que prevalece das finanças e as formas de captura dos Estados nacionais por parte dos blocos de poder, cujos desdobramentos reverberam nas políticas públicas. Por outro lado, acompanhar os conflitos, lutas e movimentos sociais na atualidade, intensificando formas de interlocução e apoio por parte da categoria de assistentes sociais com os mesmos. Requer, ainda, de parte dos pesquisadores, dar continuidade à apropriação teórica de sugestões de análise dessa tradição intelectual para pensar as finanças e seus desdobramentos no presente; e produzir subsídios para sua elucidação nas particularidades [sic] brasileiras. (IAMAMOTO, 2018, p.220)

Portanto, atualmente diante de um cenário complexo, no qual se verifica a radicalização das desigualdades das classes e das lutas entre elas, é necessário cada vez mais competência teórica e capacidade crítico-analítica para o desvelar da realidade, haja vista que suas determinações não aparecem de forma imediata. Nesse sentido, a vertente crítico-dialética oferece sólidos subsídios para desnudar os fatos da vida e, também, transformá-los.

Adotar o método dialético como uma forma de leitura da realidade vai na contramão da história, de encontro ao pensamento dominante. A perspectiva metodológica trabalhada recusa a produção de conhecimento a partir da superficialidade das coisas, recusa também o hiato entre teoria e prática, a fragmentação da realidade, a psicologização da vida social, o moralismo, o senso comum.

Concluo, então, que a abordagem trazida pelas estudantes, predominantemente, reitera a perspectiva crítica, fruto da interlocução com o marxismo, principalmente a partir da renovação do Serviço Social brasileiro. Verificou-se, nesta pesquisa, uma taxativa crítica ao conservadorismo profissional, este inflado pelas concepções dominantes como trazido por Mota e Amaral (2016); uma busca por uma

fundamentação teórica para o desnudar do cotidiano de estágio, das expressões da questão social; e um compromisso com os interesses dos/as usuários/as.

Ressalta-se que o resultado desta pesquisa possui um caráter introdutório, preliminar. Necessita-se, nesse sentido, de uma maior profundidade investigativa. Destaco como potenciais eixos de investigação a forma de transmissão dos conteúdos do Curso de Serviço Social da UFBA, através do quadro docente; uma análise do Projeto Político-Pedagógico e a própria forma de estruturação da questão do estágio do referido curso; e uma análise do processo de documentação por parte dos/as estudantes.

Uma investigação acerca desses eixos de investigação poderá possibilitar negação de uma análise imediata, capturando as mediações, chegando ao “concreto pensado”, para voltar a cotidianidade da vida com uma nova configuração, como uma “síntese de múltiplas determinações”, ou seja, colocando **o concreto em debate**.

## REFERÊNCIAS

- ABEPSS. **Política de Nacional de Estágio (PNE)**. 2010. Disponível em: <[http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento\\_20160331114536819823.pdf](http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_20160331114536819823.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- ARAÚJO, Cleonice Correia *et al.* O processo de reconceituação do Serviço Social no Brasil: emergência do movimento de ruptura. *In:* Silva, Maria Ozanira da Silva e (coord.). **O Serviço Social e o popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARROCO, Maria Lúcia Silva; TERRA, Sylvia Helena; CFESS. **Código de Ética do/a Assistente Social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BRASIL. **Código de Ética Profissional do/a Assistente Social**. Lei n. 8.662/93. 10. ed. rev.e atual. Brasília: CFESS. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf)>. Acesso em: 04 mai. 2019.
- FRANÇA JUNIOR, Reginaldo Pereira; LARA, Ricardo. Trabalho e Ser Social: reflexões sobre a ontologia lukacsiana e sua incidência no Projeto Ético-Político Profissional. **Textos e Contextos (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v.14, n.1, p.20-31, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/17406/13306>>. Acesso em 18 dez. 2019.
- GASKELL, George. Entrevista individuais e grupais. *In:* Bauer, Martin W.; Gaskell, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2.ed. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social-1989.pdf>>. Acesso em 13 ago. 2018.
- GUERRA, Yolanda Aparecida Demétrio. **A instrumentalidade do serviço social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- GUERRA, Yolanda Aparecida Demétrio. A instrumentalidade no trabalho do assistente social. *In:* Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais, 1., 2007, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Brasília: CFESS/ABEPSS, 2000. <Disponível em: <http://www.cedeps.com.br/wp-content/uploads/2009/06/Yolanda-Guerra.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2019.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. O Serviço Social na cena contemporânea. *In:* **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS. 2009.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Marxismo e Serviço Social: uma aproximação. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 204-226, ago./dez. 2018.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista. O estágio supervisionado em serviço social: desafios e estratégias para a articulação entre formação e exercício profissional. **Temporalis**. Brasília (DF), ano 13, n. 25, p. 63-90, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/4850/4143>>. Acesso em: 03 abr. 2019

MARX, Karl. Introdução. *In*: **Grundrisse**. Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Tradução de Mario Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. Disponível em: <[https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Karl\\_Marx\\_-\\_Grundrisse\\_\(boitempo\)\\_completo.pdf](https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Karl_Marx_-_Grundrisse_(boitempo)_completo.pdf)>. Acesso em: 19 mai. 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Angela. Serviço Social brasileiro: cenários e perspectivas nos anos 2000. *In*: MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Angela (org.) **Cenários, contradições e pelepas no Serviço Social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

NETTO, José Paulo. Introdução ao método na teoria social. *In*: **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS. 2009.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo serviço social**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2016.

QUIROGA, Consuelo. **Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da Metodologia no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1991.

SANT'ANA, Raquel Santos; SILVA, José Fernando Siqueira da. O método na teoria social de Marx: e o Serviço Social?. **Temporalis**, Brasília (DF), v.13, n. 25, p. 181-203, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/4889>>. Acesso em: 04 fev. 2019

SANTOS, Leila Lima. **Textos de Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1982.

SANTOS, Claudia Mônica dos. **Os instrumentos e técnicas**: mitos e dilemas na formação profissional do assistente social no Brasil. 2006. 251 f. Tese (doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp019816.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

TEIXEIRA, Joaquina Barata; BRAZ, Marcelo. O projeto ético-político do Serviço Social. *In*: **Serviço Social**: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS. 2009.

## **APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, da pesquisa intitulada “Da aparência à essência: uma análise da apropriação do método dialético por estudantes de Serviço Social da UFBA”, conduzida pelo pesquisador Júlio César Marinho Santos, sob orientação e supervisão da Profa. Dra. Marina da Cruz Silva.

Este estudo é o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Bahia - UFBA, e tem por objetivo analisar a apropriação do método dialético por parte de estudantes de Serviço Social da UFBA, identificando se verificam a relação de tal método com a instrumentalidade profissional e se há relação desta perspectiva teórica-metodológica com a construção dos seus projetos de intervenção.

Você foi selecionado(a) por ser estudante de Serviço Social da UFBA e estar cursando a disciplina IPSC07 - Estágio Supervisionado em Serviço Social III, disciplina esta com a prerrogativa de se aplicar o projeto de intervenção formulado a partir de suas experiências de estágio. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada não acarretará prejuízo.

A pesquisa não colocará os participantes em colocação vexatória. A participação não é remunerada, nem implicará em gastos. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Sua contribuição nesta pesquisa consistirá na participação num grupo focal, com discussões a respeito das suas experiências de estágio, construção do projeto de intervenção e sua relação com os fundamentos teórico-metodológicos. O grupo focal será realizado no Pavilhão de Aulas Thales de Azevedo, Campus São Lázaro, UFBA, com duração em média de 30 a 40 minutos. No momento da realização da pesquisa, estará presente o pesquisador, que atuará como mediador, uma pessoa que estará filmando, outra pessoa que estará anotando e os/as estudantes que se dispuserem a participar. A coleta de dados será realizada por intermédio de vídeos, com imagens e sons.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável.

Seguem os telefones e o endereço eletrônico para contato do pesquisador responsável e da professora orientadora, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e participação nele, agora ou em qualquer momento.

Pesquisador responsável: Júlio César Marinho Santos

Ocupação: estudante de Serviço Social

Email: juliocmarinho@outlook.com

Telefone: (75) 981746601; (71) 996132426

Professora orientadora: Dra. Marina da Cruz Silva

Ocupação: Professora do Curso de Serviço Social da UFBA

SIAPE: 1642930

Email: marinacruz@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura da professora orientadora: \_\_\_\_\_